

MARIA EUNICE FURTADO MORENO

**A LOUCURA EM LIMA BARRETO E
DINA SALÚSTIO**

**LICENCIATURA EM ESTUDOS CABO-VERDIANOS E
PORTUGUESES**

ISE, 2006

MARIA EUNICE FURTADO MORENO

**A LOUCURA EM LIMA BARRETO E DINA
SALÚSTIO**

Trabalho científico apresentado no ISE para obtenção do
grau de Licenciado em Estudos Cabo-Verdianos e
Portugueses, sob a orientação da professora Dra. Maria
Verúcia de Souza
(Docente do Instituto Superior de Educação)

O Júri:

Praia, ____/____/ 2006.

ÍNDICE

Agradecimentos	I
Introdução	II

CAPÍTULO 1

APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

1 - Enquadramento/justificação	1
1.2 – Problemática	11
1.3 - Objectivos da pesquisa	12
1.3.1 - Objectivos gerais.....	12
1.3.2 - Objectivos específicos.....	12
1.4 - Metodologia.....	12

CAPÍTULO 2

CONTEXTUALIZAÇÃO DAS OBRAS E DOS AUTORES

2.1 Triste Fim de Policarpo Quaresma – Lima Barreto	15
2.2 – A Louca de Serrano – Dina Salústio	16
2.3 - Biobibliografia dos autores	18
2.3.1 - Lima Barreto.....	18
2.3.2 -Dina Salústio.....	20

CAPÍTULO 3

CONCEITUALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA LOUCURA

3.1. Abordagem teórica acerca da loucura	23
3.1.1. Conceito de loucura na antiguidade	23
3.1.2. Adoutrina demonista da loucura	24
3.1.3. Enfoque médico da loucura	26
3.1.4. A loucura segundo a psiquiatria do século XIX	26

3.2. Análise das obras	29
3.2.1 - Triste Fim de Policarpo Quaresma	29
3.2.2. A Louca de Serrano	31
3.3. Visão dos autores em relação à loucura	33
3.3.1 - A loucura em Lima Barreto	34
3.3.2 - A loucura em Dina Salústio	39
3.4. Aficção e a realidade em Lima Barreto	42
3.5. A ficção e a realidade em Dina Salústio	45

CAPÍTULO 4

RELACIONAMENTO DOS ESCRITORES COM A LOUCURA

4. 1. O comportamento dos escritores em relação à loucura	49
4.1.2 - Dina Salústio	53
4.2. Relação entre a biografia do autor e a sua obra	54
4.2.1 - Lima Barreto	54
4.2.2. Dina Salústio	57
4.3. A psicanálise e os autores	61
4.3.1. Lima Barreto	61
4.3.2. Dina Salústio	62
Considerações finais	65

Bibliografia

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria sido escrito nos moldes em que o foi, sem o apoio de algumas instituições e pessoas amigas. Dentre elas reservo um lugar especial para uma pessoa que perdi muito cedo, meu pai Nicolau. Sentindo-me abruptamente impossibilitada de travar com ele um diálogo e manifestar-lhe a minha gratidão, gostaria de deixar aqui expresso o meu público reconhecimento por tudo que fez por mim ao longo da vida, pela sua amizade e companheirismo.

Meus agradecimentos e reconhecimento são ainda extensivos:

Ao Instituto Camões, por ter colocado à disposição dos estudantes, a consulta gratuita de Internet, viabilizando a execução do trabalho;

Aos professores do Departamento de Línguas Cabo-verdiana e Portuguesa, especialmente:

Profa. Dra. Maria Verúcia de Souza, professora de mérito, conhecedora dos factos histórico-culturais e sociais da Literatura Brasileira, pela simpatia, estímulo, permanente cooperação, constante incentivo, importantes dicas, sábia orientação, enfim, a ela agradecemos profundamente e reconhecemos por ter-nos possibilitado com franqueza, clareza, um espaço de diálogo e de manifestação das nossas dúvidas, sempre com muito profissionalismo;

Professora Dra. Fátima Fernandes, por ter-nos sugerido, no momento certo, uma lista de obras cabo-verdianas que podiam beneficiar-se desta análise;

Ao meu companheiro, pai da minha filha, cuja presença e cumplicidade moral em muito contribuíram para que eu chegasse ao fim deste curso com sucesso, muito embora, em alguns momentos tenha sido privado da minha companhia por motivos de estudos;

A minha filha, Danielle, por se me deparar com inesgotável fonte de inspiração e por ter compreendido a minha ausência nos vários momentos da sua vida;

À gestora da escola onde eu trabalhava no início deste curso, às colegas Maria Daluz e Maria cessa, a todos os meus amigos e sobretudo aos meus irmãos, pelo companheirismo e solidadriedade de sempre;

À minha mãe, uma mulher de garra que apesar de muitos sofrimentos, mostrou-me o caminho do bem e ensinou-me a ser insistente, persistente e nunca desistir dos meus objectivos. A ela que me suavizou a dor, nas horas amargas, avivando-me na alma, a chama que mantenho acesa, para continuar a gostar da vida e confiar, ainda, nos homens, as palavras de agradecimento não chegam, por isso aqui deixo impresso, o meu eterno reconhecimento.

INTRODUÇÃO

Partindo do princípio que a iniciação à investigação deve constituir uma das componentes da formação inicial de um profissional de ensino de molde a permitir-lhe uma cultura científica e investigativa mais aprofundada, o trabalho de fim de curso é uma oportunidade que possibilita ao futuro professor do ensino secundário participar na construção de novos conhecimentos. É neste âmbito que se faz presente o seguinte trabalho cujo tema é «A Loucura em Lima Barreto e Dina Salústio», que pretende fazer emergir a loucura através da lente do escritor-paciente Afonso Henriques de Lima Barreto, privilegiando os escritos ficcionais e autobiográficos do autor, pois a pesquisa procurou inserir o registo do particular, isto é, de um indivíduo que sofreu na própria pele a discriminação e o tratamento destinado aos que eram considerados doentes mentais, de modo que o estudo possa ser visto e examinado dentro de uma perspectiva mais ampla, isto em comparação com a autora cabo-verdiana Bernardina de Oliveira Salústio.

Para a realização deste trabalho que ora apresentamos, partimos da leitura e compilação de uma vasta gama de bibliografia existente, algumas delas indicadas pela professora Dra. Maria Verúcia de Souza, outras sugeridas por nós e consultas à Internet. Contudo, o nosso trabalho centralizou-se sobretudo na análise das obras dos autores em questão, restringindo-se, deste modo, à Triste Fim de Policarpo Quaresma e A Louca de Serrano.

Realizamos um levantamento bibliográfico com o intuito de compreender a historicidade da loucura, resgatando autores que trazem ideias, pensamentos, significados sobre a temática, deste a antiguidade, até os dias actuais bem como os aspectos históricos relativos à loucura.

Isso nos possibilita entender os paradigmas que foram norteando a compreensão da loucura no decorrer das épocas e as marcas deixadas por essas transformações.

O corpo do texto do nosso trabalho está estruturado em quatro capítulos e alguns sub capítulos, auferindo a seguinte planificação:

No primeiro capítulo intitulado «apresentação do trabalho» encontramos um breve enquadramento, acompanhado da justificação do tema, a problemática, os objectivos gerais e específicos e a metodologia.

Já no segundo capítulo que tem como título «enquadramento das obras e dos autores»,

constam o enquadramento de cada uma das obras analisadas e dos seus respectivos autores, e a biobibliografia dos mesmos.

O terceiro capítulo denomina-se de «conceitualização e caracterização da loucura» e focalizará uma abordagem teórica acerca da loucura, análise das obras seleccionadas, visão dos autores em relação à loucura, nesse momento ainda será retratada a forma como cada um dos autores em questão vêem e descrevem a loucura e, fechando o capítulo, será abordado a ficção e a realidade em cada um desses autores.

Ao capítulo quarto foi reservado o título de «relacionamento dos autores com a loucura», onde será relatado o comportamento dos escritores em relação à loucura, a relação entre a biografia do autor e a sua obra e, desta mesma forma, será feita uma breve relação entre a psicanálise e esses autores.

Após o último capítulo serão anunciadas as considerações finais acerca do trabalho.

CAPÍTULO I
APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

1 - ENQUADRAMENTO/JUSTIFICAÇÃO

Nas obras *Triste Fim de Policarpo Quaresma* de Lima Barreto e *A Louca de Serrano* de Dina Salústio, observamos que ambas retratam o tema loucura. Esta genuinamente cabo-verdiana ressalva a loucura por meio de uma personagem feminina cujo estado mental era de conhecimento de todos e por todos discriminada. Aquela genuinamente brasileira trata a loucura como fruto de maus-tratos, injustiça e solidão sofridos pelos indiciados loucos.

Salientamos que um destes textos, nomeadamente *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, foi escrito por aquele que não só conviveu, como também teve momentos de loucura, vivendo sob o rigor da instituição reguladora e de toda a violência do seu sistema repressor e que, por isso, constitui uma literatura de urgência, de desespero, ou da própria salvação. Revela-se esta escritura, inevitavelmente autobiográfica, um meio eficiente, geralmente aturdido, utilizado pelo paciente psiquiátrico em prol da sua redenção, a prova da sua excepção. É esta escritura sobre a loucura tecida nas entranhas do sistema psiquiátrico, que muitas vezes impressiona e aqui torna - se o foco de interesse, como é o caso por exemplo da obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma* do autor Lima Barreto.

No que se refere à autora cabo-verdiana Dina Salústio, esta tornou possível que haja um espaço literário onde a realidade seja uma farsa desfarsada aos olhos da ficção, isto devido ao facto de a mesma ter nascido, criado e vivido numa sociedade cujo número dos diagnosticados doentes mentais é bastante elevado. Assim sendo, torna-se merecido que facultemos à loucura um lugar de destaque na nossa pesquisa.

A escolha do tema *A Loucura em Lima Barreto e Dina Salústio*, deve-se à dois factores essenciais: a ansiedade plantada pela cativante e interessante cadeira de Literatura Brasileira no que tange a um estudo aprofundado dos autores focados na referida disciplina, permitindo deste modo uma análise equiparada com autores cabo-verdianos e a certeza de que desde que a loucura tornou-se num factor de punição e aprisionamento, coube aos diagnosticados loucos diferenciarem-se da massa de desvalidos do manicómio, arriscarem tudo na autenticidade, na originalidade, na distinção, que, na maior parte das vezes as artes e a literatura parecem garantir.

É neste parâmetro que a ligação da loucura nas duas obras ora em análise se patenteia tanto pelos trabalhos escritos por esses autores, quanto pela própria biografia, estando esta mais patente em Lima Barreto.

Com este trabalho pretende-se fazer não só um estudo aprofundado da loucura, como também desvendar uma possível explicação psicanalítica para o comportamento dos autores em questão, isto tendo em conta as suas loucuras tanto reais como ficcionais.

Aliás, é por todas essas razões que este estudo se revela ser de extrema importância, isto na medida em que, segundo os campos da actividade humana ou sectores do conhecimento, o presente trabalho classificar-se-á como interdisciplinar, uma vez que é de interesse tanto da área da Literatura, quanto da Sociologia e Psicanálise.

1.2 – PROBLEMÁTICA

Nos últimos dez anos, o problema da instituição psiquiátrica tem sido discutido por diversos sectores nas mais diversas sociedades. No Brasil, especificamente, iniciou-se com um posicionamento dos trabalhadores de saúde mental, em 1987 nasce o Movimento Nacional da Luta Antimanicomial, se posicionando no sentido de negar o manicómio como forma de tratamento e de propor novas alternativas terapêuticas ao indivíduo portador de transtornos psíquicos. A partir de então, tem participado de iniciativas políticas de elaboração e discussão de Projectos Legislativos e, em âmbito executivo, de acções governamentais em tentativas de se criar políticas de saúde mental que prestem ao portador de transtornos psíquicos o respeito e cidadania que merecem. Além disso, tem-se publicado livros que discutem aspectos jurídicos e técnicos da loucura, bem como os que se preocupam em denunciar o tratamento dado aos que são tidos como loucos, recolocando questões como a da imputabilidade e das internações involuntárias em manicómios judiciais, como é o caso (em parte), por exemplo, do *Triste Fim de Policarpo Quaresma* de Lima Barreto. Já na *Louca de Serrano* de Dina Salústio, apesar da loucura ser tratada sob uma outra óptica, fica também patente a necessidade de denunciar ou pelo menos reflectir acerca de tal problemática.

Contudo, os esforços por uma maior humanização do entendimento de “doença mental”, do lidar, tratar e conviver com ela, o que por exemplo se verifica nas duas obras em análise, a partir de uma nova percepção de ser humano complexo, multidimensional, possibilitou e motivou uma série de reformas psiquiátricas. Como não poderia deixar de ser, quando ocorre uma mudança paradigmática, ou pelo menos o antigo paradigma não é mais suficiente, faz-se necessária uma readaptação dos modelos de assistência, ou melhor, de modelos de atenção.

Mostra-se, portanto, necessária uma adequação das políticas públicas de lazer e capacitação dos profissionais para receber e lidar com essa população. Afinal, toda prática vem iluminada e inspirada por uma compreensão da realidade. É neste âmbito que faz sentido a presença desta pesquisa cujo intuito é desvendar questões como:

- O que pretendiam os autores ao escreverem tanto sobre a loucura?
- Até que ponto a loucura real e a loucura ficcional se distanciam em Lima Barreto e Dina Salústio?
- Será que existem explicações psicanalíticas para o comportamento desses autores em relação à loucura?

Em face às questões que se coloca torna-se necessária a preconização de objectivos que nos permitem obter tais respostas. É neste sentido que a seguir se apresenta os objectivos da pesquisa.

1.3 - OBJECTIVOS DA PESQUISA

Pretende-se com este trabalho, focalizar a loucura em Lima Barreto e Dina Salústio, isto numa tentativa de compreender a forma como cada um desses autores se posicionam em relação à loucura.

1.3.1 - OBJECTIVOS GERAIS

- Conhecer um pouco mais sobre os autores Lima Barreto e Dina Salústio.
- Compreender o comportamento dos autores em relação à loucura.

1.3.2 - OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar o conteúdo das obras.
- Relacionar a loucura real com a loucura ficcional.
- Explicar o comportamento dos escritores em relação à loucura.

1.4 - METODOLOGIA

Partindo do princípio de que aquele que pesquisa e o que é pesquisado sejam da mesma natureza e estabelecem uma relação social entre si, é de salientar que o carácter da presente pesquisa está relacionado com os procedimentos adoptados para o estudo do objecto. Pois, para realizar este trabalho, far-se-á uma revisão bibliográfica, em complementaridade com análise de

algumas obras dos autores em questão e a imprescindível relação entre a vida e a obra dos mesmos. Assim sendo, este estudo estará centrado em pesquisas bibliográfica e documental. Deste modo, o trabalho será feito com base numa leitura analítica e crítica das bibliografias existentes, destacando para isso as obras seleccionadas anteriormente: *Triste Fim de Policarpo Quaresma* de Lima Barreto e a *Louca de Serrano* de Dina Salústio, isso tendo em conta o tema que cada uma retrata.

CAPÍTULO II
CONTEXTUALIZAÇÃO DAS OBRAS E DOS
AUTORES

2.1. *TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA* – LIMA BARRETO

A sociedade brasileira experimentava desde o final do século XIX, profundas alterações em sua organização política, económica e social, ocasionadas principalmente pela libertação dos escravos, a chegada dos imigrantes que vieram substituí-los nas lavouras, o advento da República. Essas e outras transformações se reflectem de forma variada na produção dos escritores no período que antecede o movimento renovador da Semana da Arte Moderna, de 1922.

Alfredo Bosi, referindo-se ao período em questão, informa-nos que “na prosa pré-modernista coexistem traços conservadores e inovadores. Por um lado, persiste o modelo realista dos últimos decénios do século anterior, já desgastado; por outro lado, nasce um interesse em relação a problemas da sociedade brasileira, e alguns prosadores abordam os contrastes sociais e ideológicos, as condições de vida do negro, recém-saído da escravidão, e do mulato, o choque cultural da presença do imigrante, os desníveis sociais na própria cidade.

A linguagem da prosa de ficção oscila entre a rigidez parnasiana, oficialmente consagrada pela academia (Euclides da Cunha, Graça Aranha, Coelho Neto) e uma forma mais livre, coloquial, que recusa os padrões académicos (Monteiro Lobato, Simões Lopes Neto). E, Lima Barreto, por sua vez, situa-se entre aqueles considerados como sendo os pré-modernistas, pois o pré-modernismo corresponde uma base de prosperidade económica, consolidação da república e expansão cultural. Esta época apresenta na literatura um entrecruzar de várias correntes estéticas. Por um lado, tem-se a queda da proposta realista – naturalista – parnasianismo, e de outro uma afirmação da poesia simbolista. Na mesma época, então, vai surgir uma prosa de ficção que, ligada à tradição realista, vai revelar criticamente as tensões da sociedade brasileira”¹.

O período que vai de 1902 a 1922 é considerado “atípico” dentro da literatura brasileira uma vez que houve uma série de “neos”: neo-realismo, neo-parnasianismo, neo-simbolismo, todos sem maior expressão, pois, o que triunfou mesmo foi uma sintaxe académica, lusitanizante, que cortou por um momento a irrupção do projecto linguístico brasileiro, começando no romantismo e continuando no realismo. Lima Barreto rompeu com essa literatura muito antes do Modernismo. Ele revela-se agudo intérprete da vida urbana carioca na medida que os seus romances evidenciam o papel histórico de mover as águas estagnadas da “Belle Époque”, revelando antes dos modernistas, as tensões que sofria a vida nacional.

¹ Bosi, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 2. ed. São Paulo, Cultrix, 1975. p.220

Apossando-se de uma linguagem coloquial, com modismos cariocas, muito criticada por seus contemporâneos, o autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* transpõe para esta narrativa problemas que afligem o povo do Rio de Janeiro, mais especificamente uma significativa parcela da população, composta por pequenos funcionários públicos e pela “arraia-miúda” em geral.

Relativamente ao contexto literário, Lima Barreto rompeu com sua linguagem anacrônica, classicizada dos autores de tanto prestígio na época. Ele acusava os escritores académicos de fazerem da literatura “uma continuação do exame de português”. O combate a tal tipo de linguagem seria retomado pelo modernismo. Lima Barreto chegou primeiro.

Lima Barreto na sua obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma* aborda quase tudo do seu tempo: a forma do governo, a organização económica, preconceitos de raça, a burocracia, os tráficos de influências, os grupinhos, as sociedades de elogio mútuo, sem os quais o literato era condenado a marginalização.

Esta abordagem reflecte o contexto histórico e literário específico da época. Pois enquanto alguns escritores do período escreviam como se estivessem no melhor dos mundos, e viam na literatura “o sorriso da sociedade”, Lima Barreto escancarou as janelas e deixou entrar o cheiro forte da realidade. Ele assumiu os problemas do seu tempo e examinou-os em seus romances. Foi, sobretudo “o romancista da primeira república” vista pelos olhos da classe média dos subúrbios do Rio.

Enquanto os historiadores oficiais (Monteiro Lobato, Simões Lopes Neto) falavam nas lutas patrióticas da consolidação da república, ele, nas suas obras, mais especificamente em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, via o outro lado da medalha: o povo, massa de canhão totalmente inconsciente do que se passava; a luta pelo poder entre os barões da agricultura e a burocracia militar ou civil; e, sobretudo, a vida dos subúrbios, com seus dramas e suas pequenas felicidades, seus grotescos e ridículos, seu lado terno e humano.

Posto isto, passemos agora à contextualização da autora cabo-verdiana e da sua obra, uma vez que, em conformidade com o tema, pretende-se fazer aqui uma análise equiparada dos dois autores.

2.2. A LOUCA DE SERRANO – DINA SALÚSTIO

Cabo Verde encontra-se numa situação especial no panorama das literaturas africanas em língua portuguesa, apesar de circunstâncias particularmente desvantajosas. Especial porque,

mesmo com esses condicionalismos, desenvolveu-se uma literatura nacional associada nas linhas de força da “seca, da emigração e do isolamento mais ou menos ligado ao desejo de partida” e na criouliidade, como chamou o antropólogo Mesquitela Lima ao produto do “caldeamento étnico e cultural de origem diversa que se processou nas ilhas”².

A existência de uma língua nacional própria, o crioulo de Cabo Verde, facultando intercomunicação ampliada, a interferência dos movimentos culturais, especificamente neo-realistas, portugueses e brasileiros, irmanados à criouliidade, acarretaram uma irrupção de intelectuais que, tendo como pedestal o lema «fincar os pés na terra», avaliando o homem cabo-verdiano na sua problemática sócio-económico-cultural e geo-política, se asseguraram em torno da revista cultural claridade.

O movimento cultural claridoso, cuja ascendência ainda perdura, originou um corte abissal na literatura cabo-verdiana, que, concretamente, demarca um antes e um depois, o que precede o movimento e o que o procede. E, é justamente neste último (o depois) que se enquadra a autora Dina Salústio, bem como a sua obra «A Louca de Serrano». Isto porque o período pós-claridoso caracteriza-se por completa intensificação de todos os conflitos do homem moderno: políticos, totalitários, tecnológicos, sociais culturais e espirituais. É neste contexto que Dina Salústio apresenta à ficção cabo-verdiana uma perspectiva perfeitamente nova, designadamente a perspectiva filosófico-metafísica. Pois, nas suas obras, as personagens existem sobretudo como interpeladoras do destino e dos meandros que o mesmo tece nas relações entre o Transcendente e o Homem, isto nas palavras de Daniel Spínola. E, de acordo com o misticismo que o mesmo já notara existir em *Mornas eram as Noites*, Dina Salústio, em seu contexto literário, oferece uma escrita atenta ao discurso do povo, à psicologia das mulheres e dos homens, aos enigmas que envolvem todas as gentes com vidas esmigalhadas, aniquiladas, desacertadas. A escrita de Dina Salústio é leve, evidente e concorrencialmente aprazível. A sua tendência muito própria (oriunda de uma veracidade exclusiva, que concede, por isso, outra glória à língua portuguesa) pauta-se pela singeleza, pela perspicuidade, pela veracidade e a transmissibilidade, sem capacidade para o desempenho de linguagens incoerentes ou de simples alarde. Tudo tem aqui a sua gravidade. A incomplacência e a afectividade partem de quem possui um modo especial de ver as coisas, numa óptica que nos faz sobressaltar e nos alarga a aparição do nosso próprio contemplar e do

² Mesquitela Lima, *A África ex-portuguesa – a antropologia e a museologia*, Plátano Editora, 1981.

nosso sentido das realidades, da cultura cabo-verdiana, do seu ser e do seu pensar.

Dina Salústio, na sua obra *A Louca de Serrano*, confronta-nos com uma imagem que por si própria desencadeia uma amarga e misteriosa ambiência de denúncia social, numa investida audaz contra as iniquidades, a miséria, ao desconhecimento, as crendices, os impedimentos e toda a angústia que daí deriva. Com aquela abertura, estão criadas as conjunturas para uma estética realista, ao mesmo tempo que se arrisca na de um certo realismo mágico que bem serve as intenções de cativar, por outras linguagens “carregadas de sentido”, a loucura, a rebeldia e o inconformismo das inúmeras mulheres que povoam o universo ficcional desta obra.

A par da contextualização acima referida, vale destacar ainda a biobibliografia dos autores, com o intuito de melhor entender não só as obras dos mesmos, mas também o ponto de vista de cada um deles em relação a loucura.

2.3 - BIOBIBLIOGRAFIA DOS AUTORES

2.3.1 - LIMA BARRETO

Afonso Henriques de Lima Barreto

Nascimento – 13 de Maio de 1881 – Rio de Janeiro

Pai – tipógrafo da imprensa nacional, mais tarde doente mental alcoólatra e sem estabilidade financeira.

Mãe – professora pública e primeira professora do filho. Deixou-o desde aos 6 anos.

Em 1887, entrou na escola politécnica de Rio de Janeiro, onde pretendia ser engenheiro, mas, forçado por situações alheia a sua vontade (enlouquecimento do pai) sentiu-se obrigado a abandonar o curso embora sendo bom aluno, para assumir a chefia e o sustento da família.

Em 1903 resolve candidatar-se a um cargo vago na secretaria da guerra, mediante concurso público, é apurado em segundo lugar e ocupa a vaga por desistência do primeiro.

Em 1904, inicia a escrita do romance *Clara dos Anjos* e no ano seguinte começa *Recordações do escrívão Isaías Caminha*.

Em 1905 tornou-se jornalista do Correio da Manhã e em 1909 publica o romance

Recordações do escrивão Isaías Caminha. Publica também um conjunto de reportagens no jornal Correio da Manhã e inicia o romance *Vida e Morte de M.J Gonzaga de Sá* publicado em 1919.

Em 1907 lança a revista *Floreal* com apenas quatro números.

Em 1910 faz parte do júri no julgamento dos participantes do episódio chamado *Primavera de Sangue* condenando os militares do assassinato de um estudante.

Em 1911, em três meses escreve o romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, o seu romance mais conhecido, publicado no mesmo ano em folhetins no Jornal do Comércio onde escreve, e também na Gazeta da Tarde.

Publica em 1912 dois fascículos das aventuras do Dr. Bogohoff, além dos outros livretos de humor, um deles pela revista *O riso*.

O vício da bebida começa a manifestar-se nele, mas não impede de continuar a sua colaboração na imprensa, iniciando em 1914 uma série de crônicas diárias no Correio da Noite. Nesse mesmo ano sofreu internamento num hospício.

Em 1915 o jornal *Noite* publica em folhetins o seu romance *Numa e Ninfa*, e ele inicia uma longa fase de colaboração na revista *Careta*, em artigos políticos sobre vários assuntos. No início de 1916 aparece em volume o romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*.

E junto os cantos *A Nova Califórnia* e *O homem que sabia javanês*.

De Dezembro de 1919 a Janeiro de 1920 foi internado num hospício quando sofre de uma forte crise nervosa.

Em Dezembro de 1920 concorre ao prémio literário da Academia Brasileira de Letras para o melhor livro do ano anterior, inscrevendo o Gonzaga de Sá, que veio a receber menção honrosa.

Em Janeiro de 1921 publica-se na revista Sousa Cruz sob o título *As origens* uma terceira versão de *O cemitério dos Vivos*, que são memórias manuscritas não completadas pelo autor. Em Abril do mesmo ano, um médico escritor, amigo, tenta a regeneração dele (Lima Barreto) em Mirassol (São Paulo), mas sem sucesso.

No dia 1º de Novembro de 1922, faleceu vitimado por um colapso cardíaco. Apenas dois dias depois morreu também seu pai. E foram sepultados no cemitério de São João Batista.

2.3.2 -DINA SALÚSTIO

Bernardina de Oliveira Salústio

Nascimento – 27/03/1941 – Santo Antão, Cabo Verde

Professora, assistente social e jornalista, trabalhou em Portugal, Angola e Cabo Verde. Tem colaboração em prosa e poesia na imprensa cabo-verdiana e no estrangeiro.

Em 1994 foi-lhe atribuído o primeiro prémio de literatura infantil em Cabo Verde e no mesmo ano publicou *Mornas Eram as Noites*, uma colectânea de trinta e cinco contos.

Membro da associação dos escritores cabo-verdianos, participou na Antologia de Poesia Cabo-verdiana *Mirabilis de Veias ao Sol* e na colectânea *Cabo Verde: Insularidade e Literatura* tanto na versão portuguesa, como na francesa.

Em 1999, ganhou o terceiro prémio de literatura infantil, dos PALOP.

A Estrelinha Tlim Tlim, livro infantil e *A Louca do Serrano*, seu primeiro Romance, foram editados em 1998.

Publicações:

- *Mornas Eram as Noites*, livro de contos, 1994, ICLD, Praia.

- *A Louca do Serrano*, romance, 1998, Spleen Edições, Praia.

- *A Estrelinha Tlim Tlim*, livro infantil com ilustrações de Júlio Resende, 1998 Edição: Instituto Camões, Centro Cultural Português, Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco. Composição Printer Portuguesa, Lisboa.

Participação na obra colectiva *Cabo Verde e a Insularidade*, Centro Cultural Francês, 1998.

Crónicas contos e poesias em jornais e revistas.

Participou ainda nas publicações como:

Nacionais:

– *Tribuna, Mudjer, Ponto & Virgula, A Semana, Voz di Povo, Pré – Textos*, Fragmentos, *Ekos do Paul, Brochura Santo Antão, 12 anos de Desenvolvimento*.

Estrangeiras:

- Suécia, 1998, *Halva Vardens Litteratur* (1 conto).
- Holanda, 1994, *Mickgrant*, (1 poema).
- Itália, 1998, Publicação da *RAI Uno*, com participantes do Salone del Libro, de Perugia, 1997, (1 conto).
- França, 1992, *Revue Noire*, nº11 (1 texto sobre Cabo Verde)
- Brasil, 1998 – Universidade Federal do Rio de Janeiro – Tese de mestrado apresentada pela professora brasileira (Sónia Santos), em 1998, sobre escrita africana no feminino: *A Oportunidade do Grito*, tendo por tema de análise alguns dos seus escritos dispersos e o livro *Mornas Eram as Noites*.

Dina Salústio recebeu alguns Prémios entre os quais se destacam:

1994 - 1º Prémio de Literatura Infanto-juvenil, pelo Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco

1999 - 3º Prémio de Literatura Infanto-juvenil num concurso literário promovido pelo Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa para os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

Estando feita as apresentações, convém no momento, abordar teoricamente a loucura a fim de se tornar claro qualquer análise que possa vir a ser feita posteriormente, em torno deste termo.

CAPÍTULO III
CONCEITUALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA
LOUCURA

3.1. ABORDAGEM TEÓRICA ACERCA DA LOUCURA

Sendo o homem um ser curioso e inquieto, ele não poderia de maneira alguma, deixar de se questionar em relação aos fenómenos estranhos que acontecem à sua volta.

Um desses fenómenos causadores da inquietação humana, é a *Loucura* que desde cedo, se manifestou no homem, fazendo com que este se interessasse em conhecer e descobrir a sua origem.

A loucura, como qualquer outro conceito, é construída, entendida ou não, desconstruída e reconstruída no interior de cada cultura de uma maneira diferente conforme os paradigmas que regem essa comunidade em determinado período histórico. O entendimento que determinada comunidade faz da loucura, definirá a maneira como irá lidar com ela. Se irá escondê-la, prendê-la, ignorá-la, medicá-la, louvá-la.

É neste âmbito que, esquematicamente, veremos o conceito de loucura, conforme as épocas mais importantes da humanidade ocidental, nos fixando nos períodos que definiram novos conceitos.

3.1.1. CONCEITO DE LOUCURA NA ANTIGUIDADE

A primeira conceitualização de loucura é dada pela antiguidade grega, na óptica, autor de *A Ilíada*³. Na época de Homero e Hesíodo, a loucura era vista como sendo uma consequência da acção dos deuses. Pois, conta-se que os deuses usavam a loucura como recurso para que os seus desejos não fossem contrastados pelos desejos dos homens.

Nesta época, o homem era visto como aquele que não possuía soberania sobre si próprio, e que por isso, os deuses tinham poderes para interferir da maneira que bem entenderem, nas suas vidas (vida dos mortais). Desta forma, constata-se que nesta época, a loucura era tida como sendo algo de origem externa ao homem, ou seja, ela era o roubo da razão pelos deuses, isto na medida em que eram eles que determinava a vida do homem.

Ainda dentro desta mesma época, encontramos um outro pensador, o Eurípedes, que vai um pouco mais além, atribuindo a origem da loucura aos conflitos internos, alegando que o

³ Homero, Tradução de Odorico Mendes. 1874.

homem não seria conduzido fatalmente à loucura senão por uma parcela de responsabilidade. Contudo, não descarta a ideia de que cabe aos deuses roubar a razão.

Hipócrates, um outro pensador da época, apresenta-nos o homem como um ser em equilíbrio orgânico, onde qualquer desordem nesse equilíbrio, provoca a doença e a loucura. Pois, segundo este, a causa da loucura é a ruptura do equilíbrio orgânico.

Não obstante aos já mencionados, houve também, na época em questão, quem marcou profundamente o conceito médico de loucura que foi o caso de Galeno, uma vez que ele restaurou a vida psíquica do homem, trazendo o conceito de pneuma psychicon, a sede da vida mental.

Partindo das leituras e análises feitas, pode-se dizer que a Antiguidade Clássica apresentou três perspectivas de loucura:

- A loucura como obra da intervenção dos deuses.
- A loucura como conflito dos produtos passionais do homem, mesmo que permitidos ou impostos por deuses.
- A loucura como efeito de disfunções somáticas, causadas eventualmente, e sempre de forma mediata, por eventos afectivos.

3.1.2. A DOCTRINA DEMONISTA DA LOUCURA

É nos primórdios do Cristianismo que se encontra toda a fundamentação teórica daquilo que foi designado de período escuro do saber humano: momento em que a imposição teológica servia como instrumento coercivo de poder. No entanto, a ideia da intervenção diabólica como causa da loucura se prolifera na época medieval.

A doutrina que era vista como a doutrina de Cristo, defendia na sua concepção teológica, a figura do Satanás como sendo um opositor. Para eles, os pagãos e tudo que a eles se relaciona, eram demónios.

Segundo Santo Agostinho, Deus permite a existência do demónio no intuito de se tornar possível o aperfeiçoamento do homem pela busca de Deus.

Tomás de Aquino, por sua vez, vê o demónio como um ser inteligente, conhecedor das

coisas, que habita o éter e age com a permissão de Deus. Deste modo, constata-se que para a psicopatologia, essa época de obscurantismo define que não é a possessão que permite a loucura, mas sim a loucura que permite a possessão, ou seja, para a doutrina demonista não se afirma possessor portanto louco; mas louco portanto possessor. Em relação a isto, convém salientar ainda alguns dos aspectos considerados como sendo sinais que evidenciam possessão diabólica, que na perspectiva do Dr. Chondrochi são os seguintes: “... falar línguas desconhecidas ou entendê-las quando falada por outros; descobrir e revelar factos ocultos, esquecidos, futuros, secretos, pecados e pensamentos dos presentes; discutir assuntos elevados e sublimes quando se é ignorante; falar com elegância e doutamente quando se é ignorante; sentir-se impulsionado por uma persuasão interior a lançar-se num precipício ou ao suicídio; torna-se inesperadamente tolo, cego, coxo, surdo, mudo, lunático, paralítico”.

No entanto, Michel Foucault (1926-1984), considerado pelos entendidos como sendo base teórica para toda discussão académica sobre a loucura, na actualidade, em seu livro *História da Loucura na Idade Clássica* (1972), conta-nos que no fim do século XV, com advento da manufatura inicial, instaurou-se a lógica do viver para trabalhar, e o novo racionalismo aparecia como carente de disciplina. Assim a liberdade coloca-se como incompatível com a subordinação a um processo de trabalho estritamente vigiado e totalmente racionalizado que até então só era conhecido nos presídios e nas casas de detenção. Campos e cidades enchem-se de mendigos que, desesperados, tornam-se assaltantes de estradas, ladrões e vagabundos. Punições desde chicotes até pena de morte eram despendidas a vagabundos e ociosos na Europa do final do século XV e início do XVI. As medidas legislativas de repressão se complementaram pela criação de instituições, as casas de correcção e de trabalho e os hospitais gerais (que não tinham nada de curativo) destinavam-se a limpar as cidades de mendigos e anti-sociais em geral, a promover trabalhos para os desocupados, punir a ociosidade e reeducar para a moralidade mediante instrução religiosa e moral. É nesse momento que a loucura começa a ser varrida da cena social e confinada nos porões das santas casas e hospitais gerais. Os tratamentos despendidos aproximavam-se da tortura (entre eles sangrias e purgantes) visando livrar os doentes dos seus “maus humores”.

3.1.3. ENFOQUE MÉDICO DA LOUCURA

No século XVII, a psicopatologia tem forte inspiração da doutrina platónica e do galenismo. Porém, a ideia de possessão ainda é aceite como agente causador da loucura, embora esta passe a ser encarada como fenómeno natural e do distrito médico.

Pois, de acordo com Foucault, a loucura ganha status de doença após a Revolução Francesa quando constitui-se como problema social nas cidades. Apesar das bandeiras de liberdade, igualdade e fraternidade, o tratamento da loucura é encarado como uma questão de seguridade social. Na lógica da razão, os que não são possuidores desta, ao mesmo tempo deixam de ser considerados capazes de terem direitos e deveres. Neste sentido, os doentes mentais passam a ser excluídos não só do convívio na sociedade, mas também da categoria de cidadãos. Considerar uma pessoa doente mental, significa reduzi-la a um objecto de um campo do saber, no caso a psiquiatria. Significa colocá-la no contexto social marcado por um rótulo de louco, perigoso, incapaz de exercer sua plena capacidade humana. Significa também, a prerrogativa da sociedade em isolá-lo do convívio social, do trabalho, da cidade.

Nesta época, Cullen afasta do galenismo e classifica a loucura como desordem das faculdades intelectuais, facto esse que não afasta a possibilidade, ainda que remota, da intervenção demoníaca.

Mais tarde, Arnold reforça que o substrato da loucura é alteração das faculdades mentais, não necessariamente das funções cerebrais;

3.1.4. A LOUCURA SEGUNDO A PSIQUIATRIA DO SÉCULO XIX

Neste século a loucura é entendida como fruto da imoralidade (excessos e paixões de toda ordem).

Pinel, a referência do início do século, admite a loucura como lesão das faculdades mentais, de ordem orgânica ou moral, propondo deste modo, um tratamento moral da loucura, indicando a função de um director espiritual a acção notadamente repressora sobre os pacientes. Esse tratamento era visto como reeducação moral.

Mais tarde, um discípulo de Pinel (Ezequiel), ao aprofundar os estudos do mestre, admite que existe loucura sem que se detecte qualquer lesão cerebral. Contudo, isto não afasta a

predefinição de que toda causa moral tem sua acção obrigatoriamente sobre o encéfalo.

Perchoppe, por sua vez afasta da loucura qualquer especulação filosófica e Cotard antecipa o enfoque psicodinâmico, mas trata de afastar a metafísica, principalmente a especulação sobre os corpos do homem, pois ele desenvolve uma teoria psicopatológica de repressão do desejo, agindo sobre a mente.

Conforme o manifesto, pode-se observar, de forma conclusiva, que na evolução do conceito de loucura, partiu-se de causas exteriores à vontade do homem até a visão hipocrática de alteração dos humores orgânicos. O cérebro se constitui como órgão do pensamento, até que a doutrina demonista trouxe o terror representado por intervenções além do cérebro, provocando a loucura. Com a Revolução Francesa a loucura ganha status de doença, sendo criado depois o termo “faculdades mentais” como consequência, de ter-se a loucura mesmo com o cérebro íntegro. Porém, a visão de que a alteração da fisiologia cerebral traz doença mental, surgida um pouco mais tarde, reforçou a centralização da mente sobre as funções cerebrais.

Hoje, a ciência vê o cérebro como complexa glândula endócrina, possuidor de bilhões de circuitos por onde transitam os pensamentos e as ideias.

Contudo, não faz sentido fazer toda essa abordagem, sem ao menos fazer referência às sucessivas tentativas de cura da loucura. É neste âmbito que se torna imperioso manifestar aqui a concepção freudiana da loucura, uma vez que ele é considerado o pai da psicanálise que renovou a compreensão da maioria dos fenómenos psicológicos e psicopatológicos e que segundo Sigmund Freud é a ciência do inconsciente⁴. Um método de investigação, que consiste essencialmente em evidenciar o significado inconsciente das palavras, das acções, das produções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios) de um sujeito. Este método baseia-se principalmente nas associações livres do sujeito, que são a garantia da validade da interpretação. A interpretação psicanalítica pode estender-se a produções humanas para as quais não se dispõe de associações livres. A psicanálise é um método psicoterápico baseado nesta investigação e especificado pela interpretação controlada da resistência, da transferência e do desejo. O emprego da psicanálise como sinónimo de tratamento psicanalítico está ligado a este sentido; exemplo: começar uma análise. No entanto, ideias outras se manifestam acerca da psicanálise, como é o caso, por

⁴ Freud, Sigmund. A perda da realidade na neurose e na psicose. 1976. Vol. XIX. pp. 229-234.

exemplo, de Lacan⁵ (discípulo de Freud) que no seu entender, a psicanálise não é uma ciência, uma visão de mundo ou uma filosofia que pretende dar a chave do universo. A psicanálise é uma prática, onde através do método da livre associação chegaremos ao núcleo do seu ser. Ela é comandada por uma visão particular que é historicamente definida pela elaboração da noção do sujeito. Ela coloca esta noção de maneira nova, reconduzindo o sujeito à sua dependência significativa.

A Psicanálise Lacaniana, não é uma simples corrente, mas uma verdadeira escola. Com efeito, constitui-se como um sistema de pensamento, a partir de um mestre que modificou inteiramente a doutrina e a clínica freudianas, não só forjando novos conceitos, mas também inventando uma técnica original de análise da qual decorreu um tipo de formação didáctica diferente da do freudismo clássico. Nesse sentido, é comparável ao kleinismo, nascido dez anos antes; na verdade, aparenta-se, sobretudo com o próprio freudismo, o qual reivindica em linha directa, à parte os outros comentários, leituras ou interpretações da doutrina vienense. O lacanismo acha-se, portanto, numa situação excepcional. Lacan foi, com efeito, o único dos grandes intérpretes da doutrina freudiana a efectuar sua leitura não para “ultrapassá-la” ou conservá-la, mas com o objectivo confesso de “retornar literalmente aos textos de Freud”. Por ter surgido desse retorno, o lacanismo é uma espécie de revolução às avessas, não um progresso em relação a um texto original, mas uma “substituição ortodoxa” deste texto. Freud (1976) utilizou conhecimentos da física e a biologia nos seus trabalhos e Lacan utilizou a linguística, a lógica matemática e a topologia. Lacan mostrou que o inconsciente se estrutura como a linguagem. A verdade sempre teve a mesma estrutura de uma ficção, em que aquilo que aparece sob a forma de sonho ou devaneio é, por vezes, a verdade oculta sobre cuja repressão está a realidade social. Tal teórico considerava que o desejo de um sonho, não é desculpar o sonhador, mas o grande “Outro” do sonhador. O desejo é o desejo do “Outro”, e a realidade é apenas para aqueles que não podem suportar o sonho. Partindo dessa análise, podemos dizer, antecipadamente, que em Lima Barreto o mesmo se verifica, isto porque Policarpo Quaresma, protagonista de uma das obras em análise, vive de tal forma mergulhado no seu sonho que chega a almejar que o sonho que o envolve seja a realidade de todos, ou seja, ele consegue suportar tão bem o seu sonho que acha que aqueles que não compartilham do mesmo, estão a pôr em causa a

⁵ Lacan Jacques. A linguagem do inconsciente. 1966.

integridade do país, o nacionalismo.

Lacan conduziu avidamente seus estudos de lógica e de topologia matemática que o levaram à formulação dos “matemas e nós barromeanos” e à doutrina do real, simbólico e imaginário. Lacan preferia a não interferência no discurso do paciente, ou seja, deixava fluir a conversa para que o próprio analisando descobrisse as suas questões, pois o risco da interpretação, é o analista passar os seus significantes para o paciente.

Convém lembrar que o exposto até o momento é de cariz teórico acerca do termo *loucura*, e que prima-se agora pelo enfoque que é dado a esse mesmo termo, dentro da literatura, ou seja, como é que os autores, nomeadamente Lima Barreto e Dina Salústio, retratam a loucura nas suas obras literárias, *Triste Fim de Policarpo Quaresma* e *A Louca de Serrano* respectivamente, isto é, até que ponto a loucura ficcional e a loucura real se distanciam uma da outra, qual será o motivo de, por várias vezes, se presenciar uma certa afinidade entre esses dois termos *Loucura* e *Literatura*, ou seja, a loucura presente na literatura e a literatura presente na loucura, isto dependendo, em larga escala, de quem escreve e daquilo que é escrito: se é um louco que escreve ou se a loucura é escrita.

Assim sendo, temos, por um lado, a literatura presente na loucura, sendo a loucura apresentada no seu estado mais puro por meio da literatura. Estamos falando, obviamente, de Lima Barreto que, com conhecimento do facto, ou seja, partindo da experiência própria, tudo fez para que a loucura fosse relatada no seu estado mais íntimo. Pois, ele retrata nas suas obras os seus momentos de loucura bem como o entendimento que ele demonstra possuir na matéria, como é o caso de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* que é o que vamos ver a seguir.

3.2. ANÁLISE DAS OBRAS

3.2.1. TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA

Lima Barreto, numa das passagens iniciais de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, ao descrever Cavalcanti em sua festa de noivado, recita ao som do piano que “a vida é uma comédia sem sentido”. Verifica-se nesta passagem que o autor expõe a sua visão de mundo ao mesmo tempo em que insinua, para desgraça de Ismênia, a fuga iminente daquele noivo de opereta. *Tutto nel mundo é burla*, concordaria o *verdi* do *Rigoletto*, inspirado em *O rei diverte-se*.

O rei aqui é o ditador Floriano Peixoto, em cujo governo explode a revolta da Armada, projectando Policarpo Quaresma para o centro dos acontecimentos da capital do país, gratuitamente. E também por pura gratuidade “ele, que não tinha crime algum, nem era ouvido, nem era julgado, seria simplesmente executado!

O livro é protagonizado pelo falso major Quaresma, uma inversão hierárquica do “Marechal de Ferro”. Seu principal coadjuvante, o violeiro “Coração dos Outros”, porta na guerra a viola em vez de metralha. A medicina popular, como de resto os costumes da população, convive no livro com seu correlato oficial: “não é preciso afastar-se muito do Rio de Janeiro, as duas medicinas coexistem sem raiva e ambas atendem as necessidades mentais e económicas da população”. As raízes profundas da cultura nacional, enfim, querem envolver a norma culta. Em prol disso, Lima Barreto homenageia José de Alencar com um lugar de destaque na brasiliana de Policarpo Quaresma, presente no primeiro capítulo do livro: “Na ficção havia unicamente autores nacionais ou tidos como tais: o Bento Teixeira, da Prosopopéia, o José de Alencar (todo), o Macedo, o Gonçalves Dias (todo), além de muitos outros”. Nesse trecho fica patente o fanatismo de Quaresma por tudo que era nacional o que se configura como o prenúncio de sua loucura.

A petição enviada por Quaresma à Câmara dos Deputados, também vai nesse sentido: ela propõe o tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro – o principal desejo do protagonista da obra em questão. No entanto, em vez de suscitar o grave e elevado debate condoreiro, ela integra ainda e sempre aquela “comédia com sentido”, invertendo a expectativa do major: “Merecia raiva, ódio deboche do inimigo talvez, o documento que chegava à Câmara, mas não aquele recebimento hilárico, de uma hiláriedade inocente, sem fundo algum, assim como se estivesse a rir de uma palhaçada de uma sorte de circo de cavalinhos ou de uma careta clown”.

O riso é um elemento perturbador da “majestade do lugar” e, porque é “contagioso”, vai imediatamente ultrapassar o circuito fechado da ordem em direcção à praça pública, graças a uma ou outra função desse tipo de narrativa (carnavalizada), a publicista, presente na divulgação por todos os jornais da íntegra da petição. Começava o deslocamento do nosso herói do subúrbio para o hospício; do hospício para o sítio do “sossego”, finalmente, do sossego para a guerra. Isto porque, conforme disse o seu compadre Coleoni, aquilo do tupi ia causar-lhe transtorno e causou

mesmo uma vez que logo após ao acontecido, “a sentença do arquivista foi vencedora nas discussões dos corredores e a suspeita de que Quaresma estivesse doido foi tomando foros de certeza”. E Quaresma esteve internado “uns três ou quatro meses, se tanto”, pois a razão desse internamento é que, como já tinha dito antes, ele havia dirigido um requerimento à Câmara, solicitando ao congresso a adopção do tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro. Isto foi comentado na sociedade, na repartição, na imprensa, e Quaresma foi alvo de chacota geral. Poucos dias depois, por distração, envia um ofício em tupi ao Ministro do Exército, o que lhe valeu uma suspensão do serviço e novos aborrecimentos. Isolado, não suportou tanta decepção, o que o levou a loucura.

Nota-se aqui que a presença de um sonho frustrado provoca a loucura. Ora isso leva-nos a levantar várias questões de análise de entre as quais destacamos as seguintes: Será que Lima Barreto, ao se ver na impossibilidade de realizar o seu sonho, não quis usar a própria loucura como mecanismo de defesa? Ao se falar de mecanismo de defesa, está-se a referir às “desculpas”, a uma reacção conveniente ao interessado, pelo facto de não conseguir suportar o seu sonho e não querer aceitar a realidade. Pois, de acordo com o referido anteriormente na perspectiva de Lacan, a realidade é para aqueles que não conseguem suportar o seu sonho e, Lima Barreto, na pessoa de Policarpo Quaresma, não conseguindo suportar o seu sonho, não quis aceitar a realidade, preferindo a loucura.

3.2.2. A LOUCA DE SERRANO

A Louca de Serrano é a história de Filipa, uma menina que durante anos se conservou muda, numa estorvo metafórico contra as adversidades da vida. Mais tarde, Filipa quebra o mutismo, encontra a palavra e discursa para os pássaros: “Sou a Fipa. E tu? Perguntava o nome a cada pedra que encontrava, a cada ramo de planta com que topava. Também gostava de escutar o seu riso misturado com uma outra palavra e, então, encostava as mãos à boca para sentir o fôlego da gargalhada em contacto com as palmas da mão. Cada palavra tinha um calor especial. Havia as quentes, as mais frias, mas eram todas bonitas (...). Catalogava as palavras que ia aprendendo com a mesma doçura com que dava nome às ondas da ribeira, às folhas que voavam com o vento, e depois de conseguir uma série de frases que gostava, repetia-as a torto e a direito. Mas só para ela, para outros seres não falantes, e claro para a amiga que a descobriu um dia, falando

sozinha, enfiada numa gruta”⁶. O trecho em destaque ratifica que a protagonista ao discursar com os pássaros, com as pedras, com as plantas, deixa claros indícios da loucura.

No contexto deste romance, Filipa é uma entre tantas outras mulheres, cada uma com a sua história própria; todas elas semelhantes, num mesmo propósito de faltas e de perdas, de pessoas com vida sem animação, que “eram a verdade e a mentira do seu tempo vivido”. Podemos encarar esta história como uma encruzilhada, um encadeamento emaranhado de recomposição de vidas internas que amoldam ligações entre si e que desfraldam progressivamente novas interrupções para uma figuração rude e franca da vivência daquele povo, feita de achegamentos, em aspecto de companheirismo, e de cisões que descendem na sua maioria de discórdia, de pesar, de solidão e desânimo.

O romance é um enigma cedido aos leitores com apenas alguns fragmentos, uma vez que a autora avança arrancando da caixinha de surpresas bocados que maravilham no seu encaixe perfeito às anteriormente oferecidas. Um enigma arquitectado com mestria, com louca perversidade lúdica, com caminhos inesperados e indecifráveis. A obra, amola, enquanto alicia e atrai, mas também enfada, muito embora de uma forma que impõe ao leitor que retorne constantemente ao começo, de modo que possa se soltar da amolação, para neutralizar as incertezas, para refrear a aflição do profundo aliciamento, prolongado e doloroso.

Jorge Carlos Fonseca, apresentador da obra, informa-nos que a autora decide-se pelo fraccionamento e desconjuntamento da narração, pela não localização espacio-temporal, permitindo deste modo, uma desorientação, ainda que simbólica, da circunstância em que se avista a diminuta povoação de Serrano. Um vestígio que se envolve de uma enigmática pressuposição e que se comprova do princípio ao desfecho da narrativa, cooperando assim, para a execução da circularidade do texto. Estamos perante uma obra em que o sucedimento do espaço e do tempo, recheado de cortes, ataques, prolongamentos e adiantamentos, é constantemente paralisada para inserção de mutismos que prolongam imensamente o espaço do enigma, do sussurro, dos ingressos e partidas das personagens, das histórias que não foram contadas e outras que não foram terminadas, para depois retrocederem e encaixarem um recente dado ou elucidarem outros anteriormente menos lúcidos ou inacabados, uma prática de reconcentração e conexão que no fundo move-se como analepse para fiador de uma prosa que,

⁶ Salústio Dina Oliveira. *A Louca de Serrano*. p.123-124

sendo fraccionada a diversos planos, carece de faculdades que lhe dêem estabilidade, verosimilhança e autenticidade.

Um enigma em que, mesmo nos instantes em que a trama parece mover-se para uma regularidade de enredo (os últimos capítulos do livro), a simulação e a surpresa se ocorrem, no que parece ser, uma tolerante elaboração, passando-se da sensação de um melodramático a uma história de amor, a que não escasseariam situações estereotipadas Filipa, Jerónimo e Genoveva no nascimento de 1995, ao som de foguetes, de garrafas a abrir, de brindes, abraços, “olhos pregados nos lábios dele”, ou ainda de um anteprojecto de cena comovente do tipo de romance policial a um fim de grandioso e imprevisível nível literário, harmonioso e de complexidade vital. Ao contrário do autor Lima Barreto, podemos perceber em Dina Salústio a loucura em nova roupagem, visto que não se dá ênfase à doença em si, mas sim ao portador da doença como integrante de uma sociedade que sempre a colocou à margem.

Com foco nas análises anteriormente feitas, podemos nesta altura, evidenciar a forma como cada um desses autores retratam a loucura nas suas obras.

3.3. VISÃO DOS AUTORES EM RELAÇÃO À LOUCURA

Partindo de uma análise sociológica, pode-se dizer que ao longo dos tempos se elaborou uma série de construções acerca da loucura. Pois, “Louco” é um estigma que surge junto com os processos de urbanização que acabam destacando determinados indivíduos que não se enquadram às convenções sociais. Esses passam a ser privados de sua liberdade, sua autonomia, sua cidadania. A permanência dentro dessa lógica crucifica indivíduos de tal forma que se tornam objectos, isto é, transformam-se num ser sem voz, vez, desejos, escolhas direitos e deveres, gerando assim profundas relações de dependência com o meio onde se encontra inserido. As políticas que se buscam implementar hoje procuram valorizar as pessoas portadoras de sofrimento psíquico a partir de uma lógica de inclusão social. Contudo, os preconceitos que giram por trás das chamadas doenças mentais se mantêm fortes.

Já uma análise psicanalítica, que é pelo qual se prima mais neste trabalho, explica passo a passo o comportamento desses indivíduos, tentando minimizar todos esses preconceitos pelos quais passam aqueles que sofrem de doenças mentais.

No que concerne à literatura, constata-se que esta tem desempenhado a sua função que é, de entre várias, a de denunciar, divulgar e desmistificar temas do interesse da sociedade. É neste âmbito que a visão dos autores (ora em análise) em relação à loucura se faz presente. O que se pretende ver aqui é de que forma esses autores vêem a loucura e a retratam nas suas obras.

3.3.1 - A LOUCURA EM LIMA BARRETO

O autor, ao escrever a obra em análise, tem como intenção principal, denunciar a realidade brasileira, trazendo à tona toda a situação política, económica e social vivida na época. Pois, a obra tem como tema principal, o choque de um patriota sonhador com a realidade. Sob esse aspecto, o tema do romance é desdobrado em três momentos principais, correspondentes a três partes da obra:

Primeira etapa: predomínio da fantasia

O Major Quaresma nos é apresentado como indivíduo sem amigos, levando uma vida reclusa, incubando e engordando seu extraordinário patriotismo em leituras sem fim e reflexões “meio ufanistas”. Acredita piamente nos livros e, no seu pequeno mundo, vive do que é “nacional”.

Observa-se que esta fase, de máxima defasagem entre sonho e realidade, também se veste de máxima comicidade: o sisudo Quaresma representando o Tangolomango, ou reproduzindo o livro goitacá de boas maneiras, só faltando chegar a “alta-cultura” de Adão; ou ainda, acreditando na oficialização do tupi-guarani.

A loucura é o resultado lógico de tamanha ruptura entre o sonho e a realidade.

Segunda etapa: equilíbrio entre a realidade e a fantasia

Esta é a fase do Quaresma agrícola. É ainda cómico ver a concepção e a execução de sua estratégia agrária: os minuciosos cálculos baseados nos folhetins da Associação de Agricultura Nacional; a parafernália de higrómetros, pluviómetros, anemómetros, barómetros e outras inutilidades domésticas, logo dribladas pela realidade; a crença inabalável nas “terras mais ubérrimas do mundo”; a tenacidade com que tenta dominar os altos segredos do emprego da enxada, no que mais de uma vez teve de “beijar a terra, mãe dos frutos e dos homens”.

E o impossível acontece. Quaresma é tão honesto, tão puro, que sua aparente inexpugnável fortaleza de crenças não resiste ao assalto da realidade: as decepções se sucedem, e ele as acolhe, com um sofrido espanto; as formigas, as intempéries, os atravessadores, as perseguições de colectores e políticos em disponibilidade.

É o segundo choque de Quaresma.

Terceira etapa: vence a realidade

E o humor cede ao patético. Na verdade, é bem o antigo Quaresma que, ao primeiro contacto, ainda não extrai a raiz quadrada da flora e da fauna que o cerca, que ainda pretende comandar um destacamento inspirando-se nos livros; que ainda larga um canhão apontado para o alvo e corre a casa conferir os cálculos... mas triunfam a sua candura, a sua honestidade e pureza; elas que não o deixam compactuar com o crime, com a opressão, com o absurdo. Elas – ainda uma vez a estrada real para a verdade. E são elas ainda, que banham as páginas finais do romance – de um grande romance – com estas águas de humanidade e de sofrimento que não mais nos fazem rir, e que talvez nos puxem as lágrimas... E a crise final, e a redenção de Quaresma: “a pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete”. “A que existia de facto, era a de tenente Antonino, a do Dr. Campos, a do homem de Itamarati”.

Através da construção da personalidade do Major Policarpo Quaresma, seus actos e suas reflexões sobre o mundo e as pessoas à sua volta e da relação dos outros personagens entre si, incluindo suas perspectivas particulares, o leitor capta a dinâmica social em que os factores como honestidade, pureza e patriotismo se entrecruzam para determinar quem deve ou não receber o rótulo de louco. Assim, constata-se, porque é conveniente no dado contexto social, que tal rótulo recaia sobre Quaresma, pois o facto de ser demasiado patriótico, honesto e puro coloca-o à margem da sociedade, constituindo o pano de fundo social ideal para que seja considerado louco.

Sem dúvida que, na história de Quaresma, o factor de maior peso para que seja excluído da sociedade e classificado como louco, é o exaustivo patriotismo que demonstra. No entanto, o narrador, ao relatar os factos, indicia um enfoque médico da loucura afirmando que “Em princípio, o subsecretário suportou bem a tempestade; mas tendo adivinhado que o supunham insciente no tupi, irritou-se, encheu-se de uma raiva surda, que se continha dificilmente; (...) Que o julgassem doido – vá! Mas que desconfiassem da sinceridade de suas afirmações, não! E ele

pensava, procurava meios de se reabilitar, caía em distrações, mesmo escrevendo e fazendo a tarefa quotidiana. Vivia dividido em duos: uma parte nas obrigações de todo o dia, e a outra, na preocupação de provar que sabia o tupi.” Ora bem se nota aqui que a intenção oculta do narrador é demonstrar aspectos patológicos, tais como o nervosismo, a irritação, a distração e a confusão, característicos da loucura e, mais adiante, o narrador, descrevendo o local onde Policarpo Quaresma foi internado, passa-nos a ideia da loucura segundo a psiquiatria do século XIX: “Não era a primeira vez que ela vinha ali. Mais de uma vez já subira aquela larga escada de pedra, com grupos de mármore de Lisboa de um lado e do outro, a Caridade e Nossa Senhora da Piedade; penetrara por aquele pórtico de colunas dóricas, atravessara o átrio ladrilhado, deixando à esquerda e à direita, Pinel e Esquirol, meditando sobre o angustioso mistério da loucura”, pois sabe-se que Esquirol foi discípulo de Pinel e que ambos deram um grande contributo no âmbito da pesquisa sobre a loucura. Lima Barreto, ao falar da loucura na sua obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, baseia-se no conceito que esses dois pensadores têm da loucura. Pois, segundo estes, a loucura é fruto da imoralidade, entendida como os excessos e paixões de toda a ordem e, no que se refere à obra, o major Quaresma era hiperbolicamente apaixonado pelas coisas nacionais, um patriótico cuja cura foi a loucura (foi preciso ele enlouquecer-se para dar conta do patriotismo ingénuo, e que “a pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete”) e não só; a própria descrição do hospício mostra-nos a visão de Lima Barreto em relação à loucura: “Só o nome da casa metia medo. O hospício! É assim como uma sepultura em vida, um semi-enterramento, enterramento do espírito, da razão condutora, de cuja ausência os corpos raramente se ressentem. A saúde não depende dela e há muitos que parecem até adquirir mais força de vida, prolongar a existência, quando ela se evola não se sabe por que orifício do corpo e para onde... No primeiro aspecto, não se compreendia bem esse pasmo, esse espanto, esse terror do povo por aquela casa imensa, severa e grave, meio hospital, meio prisão, com seu alto gradil, suas janelas gradeadas, a se estender por uns centos de metros, em face do mar imenso e verde, lá na estrada da baía, na praia das saudades. Entrava-se, via-se uns homens calmos, pensativos, meditabundos, como monges em recolhimento e prece. De resto, com aquela entrada silenciosa, clara e respeitável, perdia-se logo a ideia popular da loucura; o escarcéu, os trejeitos, as fúrias, o entrechoque de tolices ditas aqui e ali. Não havia nada disso; era uma calma, um silêncio, uma ordem perfeitamente natural. No fim, porém, quando se examinavam bem, na sala de visitas, aquelas faces transformadas, aqueles ares

aparvalhados, alguns idiotas e sem expressão, outros como alheados e mergulhados em um sonho íntimo sem fim, e via-se também a excitação de uns, mais viva em face à atonia de outros, é que se sentia bem o horror da loucura, o angustioso mistério que ela encerra, feito não sei de que inexplicável fuga do espírito daquilo que supõe o real, para se apossar e viver das aparências das cousas ou de outras aparências das mesmas”. Contudo, podemos afirmar que se nota nesta obra um pouco da visão de Puel (1997), isto porque segundo este, o modelo manicomial associa o diagnóstico de doença mental à incapacidade de pensar coerentemente dentro dos padrões tidos como normais. O normal é o que corresponde às expectativas sociais, o que se mantém em equilíbrio, conformidade e concordância com as normas e valores sociais. É a sociedade que define as normas do pensamento e do comportamento e, uma vez que os sintomas da enfermidade mental são oponentes à norma social, o conceito mental se confunde com o de desviado, inadaptado e marginalizado e, Lima Barreto, por intermédio do narrador, dá-nos conta dessa associação da loucura à incapacidade de pensar dentro dos padrões tidos como normais na passagem seguinte:

A loucura declarada, a torva e irónica loucura que nos tira a nossa alma e põe uma outra, que nos rebaixa... Enfim, a loucura declarada, a exaltação do eu, a mania de não sair, de se dizer perseguido, de imaginar como inimigos, os amigos, os melhores. Como fora doloroso aquilo! A primeira fase do seu delírio, aquela agitação desordenada, aquele falar sem nexos, sem acordo com que se realizava fora dele e com os actos passados, um falar que não se sabia de onde vinha, donde saía, de que ponto do seu ser tomava conhecimento! E o pavor do doce Quaresma? Um pavor de quem viu um cataclismo, que o fazia tremer todo, desde os pés à cabeça, e enchia-o de indiferença para tudo mais que não fosse o seu próprio delírio.

Entre as estratégias pós-modernas utilizadas por Lima Barreto no romance para desconstruir a noção, de sanidade/insanidade, destaca-se o uso da polifonia como descrita e ilustrada por Bakhtin e que se caracteriza por várias vozes contraditórias representando uma variedade de posições ideológicas e envolvidas num diálogo em posição de igualdade, livres do julgamento do autor ou de qualquer pressão. Em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* a polifonia se faz presente através dos diferentes pontos de vista narrativos (tanto primeira como terceira pessoa, havendo mudanças de um tipo para o outro até mesmo no decorrer de uma cena) e através da grande variedade de vozes que expressam opiniões diversas sobre o mesmo assunto. A

arbitrariedade do conceito de loucura é, portanto, sublinhada através da diversidade de definições oferecidas pelas personagens. Cada uma expressa, de acordo com sua visão de mundo, sua opinião sobre o que seja a loucura. Para a mãe de Ismênia, por exemplo, é uma questão de providência divina e, como condição determinada por Deus, não deixa espaço para a intromissão dos homens. Para o psiquiatra responsável pelo manicômio na época em que Quaresma esteve internado, que acredita que a loucura tem origem orgânica, a insanidade está na imoralidade, excessos e paixões. Já para o Dr. Genelício, a loucura é a incapacidade de manter a imaginação sob o jugo da razão. A ironia nessa última definição é evidente, uma vez que ele próprio não tem controle algum sobre os voos de sua imaginação.

Através da análise das diferentes definições e imagens ligadas à loucura presentes em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, observa-se que a pluralidade de visões em relação à loucura presta-se com eficácia ao propósito de revelar a arbitrariedade do conceito. Mais do que isso, revela, também, o objectivo bem determinado por trás da arbitrariedade: controlar os indivíduos que, por questões de patriotismo, honestidade, pureza, ou quaisquer outras, se desviam dos padrões convencionais. A loucura aparece, assim, como uma questão relativa e calcada em valores sociais excludentes. Com o intuito de ilustrar a relatividade da definição do termo, importa salientar que a linha ténue entre sanidade e insanidade é bem representada pela metáfora da colcha de retalhos cujo padrão se chamava Janelas do Sótão. Tem muitas peças, e se olhar de um jeito são caixas fechadas; quando se olha de outro, as caixas estão abertas... e é assim com todas as colchas de retalho: pode-se vê-las de duas maneiras diferentes, olhando para as peças escuras, ou para as claras.

Assim, é possível concluir que a loucura é representada no romance, sobretudo como uma questão de perspectiva, conveniência e situação social: perspectiva e conveniência de quem detém o poder para determinar o que é a loucura e quem deve ser considerado louco, e posição social de quem é classificado como louco.

Lima Barreto defende que a loucura tem um importante papel perante a humanidade que é o de nivelador social, pois, segundo este, não é só a morte que nivela, “a loucura, o crime e a moléstia passam também a sua rasura pelas distinções que inventamos”.

Se em Lima Barreto a loucura é retratada dessa forma, resta-nos desvendar em que parâmetro Dina Salústio retrata a loucura.

3.3.2 - A LOUCURA EM DINA SALÚSTIO

A partir da apresentação do enredo, é possível perceber que *A Louca de Serrano* é um romance onde o conceito de loucura é representado em toda sua arbitrariedade. Não se trata, aqui, da loucura como patologia, mas como construto social, como classificação atribuída pela sociedade àqueles indivíduos considerados fora dos padrões “normais”, recorde-se pois, o momento em que a personagem cujo nome deu título à obra, recebeu o rótulo de louca:

A rapariga louca que afastada do grupo, observava a cena o tempo todo, desatou a fugir, deixando para trás a comemoração do baptismo que acabava de ordenar. Nada se sabe sobre os afectos de cada um dos serranese, mas contou-se que durante pelo menos cinco dias, eles olharam para a jovem e pensaram nela como se fosse uma parte deles, até que movidos não se sabe por que destino a repudiaram de novo, não antes de terem decidido que ela passaria a chamar-se Louca de Serrano. (p.19)

Os critérios utilizados para essa classificação não são necessariamente baseados na saúde mental e sim no lugar ocupado pelo indivíduo (nesse caso a jovem) na sociedade, isto porque de acordo com o texto, a ela era dado um tratamento de distância como se pode verificar na passagem seguinte:

Ninguém parecia interessar-se pelo que ela dizia mas acusavam-na de ser movida pela inveja por ser excluída da actividade religiosa do povoado, mas no entanto, para que se saiba, as únicas vezes que era permitido ir ao cemitério, sem se esconder, integrada no grupo de mulheres, apesar de ter que aguardar sete metros de distância, era nos enterros das suicidas, embora não pudesse participar nas restantes actividades fúnebres. Ela disse, com a boca encostada a um buraco que fez no chão para desabafar uma conversa incómoda, que o destino a tinha poupado das práticas que diminuía qualquer pessoa com fala e com alma. (p.100).

A louca recebeu esse rótulo devido aos acontecimentos estranhos que ocorriam na aldeia, nos quais ela sempre aparecia no meio, exemplo disso, entre tantas outras passagens é a seguinte:

Um dia, a jovem louca sentindo-se perseguida por uns garotos que a apedrejavam e não tendo como se defender parou no meio do largo e, olhando para a montanha, gritou

que Serrano não tinha sangue. Mal completou a frase a terra tremeu tão forte que por pouco a aldeia não perdia as raízes. Contava-se que as entranhas que estiveram visíveis por algumas horas não eram espectáculo que alguém vivo quisesse ver duas vezes, e felizmente, dizia-se, um novo tremor recolocou-as nos devidos lugares, para sossego da jovem que nunca mais foi fisicamente agredida por ninguém. (p.15).

Tudo isso faz-nos crer que Dina Salústio apoia-se na Doutrina Demonista para desenhar as loucuras (tanto da Louca de Serrano, quanto dos próprios serranese) presentes neste romance, isto na medida em que, de acordo com a autora, o povo de Serrano vivia numa época de obscurantismo, e, segundo a doutrina em questão, essa época corresponde ao período escuro do saber humano, onde a doutrina que se caracterizou como sendo a doutrina de Cristo, tinha em sua concepção teológica, a figura do Satanás, no sentido nítido de opositor, como sendo a figura do outro. Pois, de acordo com o povo serranês, a menina a quem chamavam de louca encontrava-se, muitas vezes, num estado de possessão diabólica isto porque ela era louca. Ora isso comprova o facto de estarmos perante a doutrina demonista da loucura na medida em que, segundo esta, não se afirma possesso portanto louco, mas louco portanto possesso e, é justamente essa a visão que a autora nos passa, através dos pensamentos dos serranese e das próprias características ou sinais, atribuídas à louca, que evidenciam possessão diabólica (de acordo com a doutrina demonista) como sejam descobrir e revelar factos ocultos, esquecidos, futuros secretos, pecados e pensamentos dos presentes. Importa salientar que esta louca que também é mulher surge como o verdadeiro prolongamento no corpo da narradora, ditando e construindo a sorte da história e suas personagens e a própria sorte de Serrano. É ela quem ordena o baptismo de Serrano e conhece (e quase sempre vai desvendando) todos os segredos e mistérios do vale e de suas gentes. Louca e mulher que também tinha um preço a pagar, como todos os outros, pelo simples facto de ter nascido mas que, no caso dela, era um preço enorme, que a tornava aos olhos dos serranese, uma criatura endemoniada. Ela pagava, afinal, o crime de seus pais que “desobedeceram à natureza que os criara”, num destino longo a cumprir, tão longo que, por processos alheios à inteligência humana, “teria de ir e voltar tantas vezes até que o seu corpo perdesse todo o peso que o compunha”. Peso terrível que corpo nenhum conseguia suportar por muito tempo, “de modo que desencarnava bem nova, para voltar a um outro corpo, e a outro até cumprir o ciclo da sua existência”. (p.145).

É esta louca e mulher que surge como confidente, amiga, protectora, verdadeira mãe de

Filipa, marcando a vida desta “com a sua raiva, a sua dureza, a sua bondade e possivelmente a sua loucura” (p.199); a resistente, não só através da loucura, defendendo o seu pedaço e impedindo que seja destruída (p.87), mas também mantendo-se em Serrano quando os graves acontecimentos que se seguiram à construção da grande barragem obrigaram a maioria dos habitantes a procurar outras paragens (p.162); a “lembrança ambulante” da ameaça que pairava sobre a bela Serrano, guardando nos olhos “a verdadeira história de Serrano” (p.145): a voz da consciência crítica e moral de Serrano, a sentenciadora e, afinal, depois de total desencarnação, a libertadora do povoado e de si própria é de salientar ainda que o resgate de Serrano da maldição, levando a Louca a despegar-se e o destino executado, lacrimando de nostalgia pela primeira vez, nas suas centenas de vidas, reflecte-nos a realidade e a falsidade do tempo vivido pela Filipa. E com isso, Filipa “sentia-se, igualmente, livre e só”, terminando o romance nesta glorificação da independência, talvez a única competente a sustentar a digno estado de detentores de humanidade, no propósito de uma intransferível personalidade (aliás, já a narradora nos conduziu a essa ideia de autonomia apenas exequível realmente na solidão, mesmo relacionando-se de homens praticamente embrutecidos na sua existência quotidiana, como Jerónimo), na exaltação da felicidade, e, possivelmente, da loucura. Pois, se insistirmos no trecho final da obra onde nos diz: “Filipa sentia-se, igualmente, livre e só”, constata-se que, se a loucura da jovem foi condição de realização da autonomia de Filipa e, finalmente, de Serrano, o estado de independência só subsiste se formos sós, o que acarreta eternamente uma porção inevitável de loucura. A loucura que, segundo a narradora, provavelmente a Louca e o Jerónimo tenham ensinado à Filipa. A loucura que encapotamos, e que nos torna “pessoas de uma honestidade escrupulosa, cuja inocência só é igual à minha”. Claro que esta não é a mesma ideia de Dina Salústio, na voz de Filipa, quando, pensando nas madrastas que esta tivera: “todas umas chatas e falsas”, e na dita “desmiolada estrangeira” Fernanda, mãe de Filipa, se interpela desta forma lúcida e atordoadora: “Como seriam as mães loucas se a falsidade não cabe na loucura”, lembrando-se, de repente, da amiga Louca de Serrano.

É a louca de Serrano quem, ao fim e ao cabo, nos conduz à história do vale, a história que sustenta o romance, parecendo que é o destino que carrega a decidir os destinos dos habitantes-personagens da obra, modelando os encontros e reencontros, a forma, o tempo e o desfecho dos diferentes percursos de vida.

Até o momento constatou-se que, embora retratadas de formas diferentes, a loucura

constitui o ponto de intersecção entre as duas obras ora em análise, uma vez que ela é o centro de atenção tanto numa quanto noutra obra. Contudo, importa verificar até que ponto a ficção e a realidade se distanciam um do outro, em Lima Barreto e Dina Salústio.

3.4. A FICÇÃO E A REALIDADE EM LIMA BARRETO

Lima Barreto é um escritor eminentemente memorialista, a ponto de se tornar difícil, senão impossível, delimitar em alguns de seus romances e contos as fronteiras da ficção e da realidade, ele anotou, registou, fixou, comentou ou criticou todos os grandes acontecimentos da vida republicana.

Com um vasto painel que se desdobra em sucessivos quadros, lá estão os episódios culminantes da insurreição antiflorianista, a campanha contra a febre amarela, a acção de Rio Branco no Itamarati, o governo Hermes da Fonseca, a participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial, o advento do feminismo, as primeiras greves operárias, a semana de Arte Moderna, o delírio do futebol e do jogo do bicho, tudo isso se mistura com os nossos ridículos e as nossas misérias, mas também sem esquecer a grandeza e a doçura do povo brasileiro; a mania da ostentação, o vazio intelectual e a ganância dos políticos; em suma, toda a crise das classes dirigentes, que se agravaria de modo alarmante com a queda do Império, isso de um lado; do outro, a bondade inata do brasileiro, a coragem do funcionário público humilde que luta para educar os filhos, o milagre de sobrevivência da população pobre do subúrbio carioca, que, em meio da miséria, canta e ri.

Tudo isso Lima Barreto viu com olhos que nada tinham de falsamente brasileiros, como os da maioria dos escritores do seu tempo. Tudo isso ele transmitiu nos seus livros, sempre com honestidade e não raro com grandeza. Retrato certos políticos e certos literatos como eram de facto: caricaturas de líderes e intelectuais. Através de personagens-símbolos, traçou em seus romances todo o panorama da mentalidade burguesa, predominante no Brasil, nos primeiros trinta anos da vida republicana desse país. *Triste Fim de Policarpo Quaresma* é a história do patriota ingénuo, vivendo numa sociedade incarácterística, um homem que acredita num Brasil formado à sua imagem e semelhança e deseja salvar o país da garra dos políticos corruptos, mas que só provoca risos. Constata-se nesta obra que o autor espelha-se na realidade para dar vida à ficção e a realidade, tornando, deste modo, possível a ficcionalização da realidade, isto na

medida em que o romance apresenta o predomínio da objectividade sobre a subjectividade, visto que ao longo da obra, o autor apresenta um discurso que demonstra um narrador objectivo e concreto, que vai directo ao assunto, retratando desse jeito, os problemas concretos da realidade e da sociedade presentes, sobretudo nos discursos de Major Quaresma. Vejamos por exemplo quando o protagonista apresenta o seu espírito patriótico, demonstrando o gosto pelas coisas nacionais; quando escreve um requerimento pedindo a oficialização da língua Tupi; critica Albernaz por não ter nenhum conhecimento sobre o seu próprio trabalho, por ser interesseiro e critica ainda o próprio governador face às burocracias cometidas, abusos de poder, crimes, exploração da sociedade, entre outros. Essa aproximação (senão a própria) da realidade também se nota no uso que o autor faz da linguagem simples, coloquial e muito acessível ao grande público. Pois verifica-se uma grande aproximação da fala quotidiana e um uso frequente da ironia voltada para a denúncia de injustiças e de arbitrariedades cometidas no Brasil pós-republicano.

A problemática central da obra é relativamente simples. Contudo, as questões levantadas secundariamente, como de passagem, por Lima Barreto, são complexas e merecedoras de um especial enfoque uma vez que é através deles que o autor demonstra a sua intenção ao escrever tal obra, fazendo-nos ver com olhos verídicos a própria realidade brasileira da época. Assim sendo, deparemos-nos com assuntos como *a burocracia* (sempre a burocracia) que é visto aqui como um aspecto ligado a experiência pessoal do autor. Ela é impiedosamente satirizada: na dificuldade em se “liquidar uma aposentadoria”, no ambiente nivelador e anónimo, no vale-tudo para se obter promoção e nas manobras do “especialista” Genelício; *a política no interior do Brasil* em que o autor fala-nos dos “golpes” nos adversários, da utilização do cipoal de leis, decretos, portarias em vinganças mesquinhas contra os desafectos, desestimulando as iniciativas e a produção; os casamentos interesseiros da burguesia – o esforço de Albernaz para levar a bom termo o casamento das filhas. O casamento da Quinhota com Genelico: “creio que casei bem minha filha...” Armando Borges meditando a sua ascensão social e financeira pelo matrimónio. A educação errada das mulheres para o casamento, como se fosse o sentido da vida- o que explica o drama de Ismênia; o mito do “doutor” - contra ele Lima Barreto assesta suas baterias mais cáusticas e contundentes, a literatura do tempo – A “charge” do Dr. Armando Borges escrevendo seus artigos em “língua comum” e depois “traduzindo-os para o clássico” mediante alguns truques, as mais expressivas do que longas considerações. O famoso requerimento de

Quaresma pedindo a oficialização do tupi não deixa também de ser uma alfinetada; críticas ao governo – Avolumam-se, a propósito de cada deficiência social, económica ou política observada no romance. A política de colonização, com abandono dos brasileiros e favorecimento dos imigrantes: deixado, por outro, as mãos atravessadores monopolistas. O ensino brasileiro incapaz de formar doutores que pudessem combater uma simples peste de galinheiro; a república – sabe-se que Lima Barreto sempre guardou profunda mágoa da República, cuja implantação deixou o seu pai sem emprego, sobrevivendo à custa de favores de amigos. Espectáculo de prisões, de saques de assassinatos, ele também viu desde menino, na invasão da Ilha do Governador – episódio que, aliás, é mencionado neste romance. Isto tudo ajuda a explicar as muitas críticas e sátiras endereçadas ao novo regime, em contraste com acentuada benevolência em relação à Monarquia do Segundo Reinado. O positivismo, em particular, do qual eram adeptos os “pais da República”, e asperamente estigmatizado, no seu culto à falsa ordem, a tirania, a ditadura, ao próprio regime, como se este fosse a chave da felicidade geral da humanidade. O Marechal Floriano e o seu governo são impiedosamente dissecados: a apatia e a falsa auréola do Marechal, a bajulação que o cercava; as perseguições aos adversários, as prisões; a corrida interesseira para se colherem os frutos da rebelião da esquerda: promoções, patentes, comissões extras”; a imprensa frívola – atacada na campanha de insultos, troças e zombarias promovida contra o major Quaresma, no episódio do tupi, língua brasileira:

Não ficaram nisso, a curiosidade maldosa quis mais. Indagou-se que era, de que vivia, se era casado, se era solteiro. Uma ilustração semanal publicou-lhe a caricatura e major foi apontado na rua. Os pequenos jornais alegres, esses semanários de espírito e troça, então! Eram de um encarniçamento atroz com o pobre major. Com uma abundância que marcava a felicidade dos redactores em terem encontrado um assunto fácil, o texto vinha cheio dele... (p.106) superstições – em duas ocasiões especiais são mencionadas e satirizadas: nos esforços de Albernaz para curar Ismênia, recorrendo a espíritas, médiuns e feiticeiros, ex-escravos; e na descrição de Sinhá Chica e seus dotes.

Tanto a biografia quanto o conteúdo da obra faz-nos crer que em Lima Barreto a ficção e a realidade andam de mãos dadas. Vejamos por exemplo: na descrição realista que ele faz dos espaços e do próprio tempo escolhido para situar a história. A acção do romance situa-se numa época precisa, a da implantação da República do Brasil, com os governos de Deodoro e, sobretudo do Marechal Floriano.

Os acontecimentos políticos são vistos no livro não pela óptica oficial, mas pelos olhos do povo e, em particular, na perspectiva da classe média suburbana. Sob o aspecto sociológico Lima Barreto, conseguiu uma pintura perfeita: surge diante dos olhos aquela época dos frades, das cascas e sobrecasaca do pince-nez (óculos de um aro só), das correntinhas de ouro nas cavas dos coletes, das bengalas e das cartolas... Dorme-se de comissão, paga-se em certis, mil reis e contos de reis. Anda-se de coches, de tulburio e de bondes puchados a mula, joga-se o “pocker”, as mulheres enfiam-se em casa bem engomadas... as gravatas têm alfinete, as casas são ornamentadas com monogramas na porta de entrada, compoteira nas cimalthas e outros detalhes equivalentes...

Com excepção dos meses passados no “sossego”, a obra se ambienta, como outras de Lima Barreto, no Rio de Janeiro e sobretudo, nos seus subúrbios. Há um pano de fundo maravilhosamente bem retratado, económico-social e folcloricamente: o sossego das ruas da periferia, as fofocas, as vigilâncias, e o comentário dos vizinhos sobre os vizinhos, os tipos populares, como o próprio e inesquecível Ricardo coração dos outros. A “aristocracia” dos subúrbios, composta de funcionários públicos, de pequenos negociantes, de médicos, de algumas clínicas, de tenentes de diferentes milícias nata essa que impará pela ruas esburacadas daquelas festitas regiões; o ambiente burocrata das repartições públicas, de papelada içada “de conversas e gozações” descrito com vivacidade Lima Barreto o conhecia muito bem outra reconstituição que nos cala fundo, porque é feita com fibras da sua própria vida e experiência, é a do hospício, onde Quaresma passou uma temporada.

3.5. A FICÇÃO E A REALIDADE EM DINA SALÚSTIO

Dina Salústio instaura uma novidade em termos de comunicação uma nova maneira de compreensão do mundo. Uma maneira diferente de narrativa em que tudo sucede em meditação, ou seja, a acção é o reflexo do alheamento das personagens.

Esta obra enquadra-se na ficção modernista, deixando o leitor deslumbrado ante um discurrir de situações admiráveis, de impressões, de novidades e de incidências inesperadas.

O real, aqui, não é tão cristalino e tão incontestável como parece. Ao se efectivar, uma acção encerra em si “uma infinidade de pormenores sub-reptícios paralelos”, quer no íntimo das personagens quer no (espaço-tempo) que não são enxergados muitas vezes, e que os romances

tradicionais, em geral, não descrevem. Exemplo disso, entre tantas outras passagens, é a operação do parto:

O vento, incansável, aproveitou a situação inesperada, despregou do corpo rijo o vestido branco como a separar duas pétalas de flor que se colaram e enlaçou a quase adolescente que não sentiu que o chão e a luz lhe fugiam aturdida demais para avaliar a fabulosa dança dos seus braços com o ar, das suas pernas com os pedaços de nuvens espalhadas à volta, ou dos seus cabelos com a terra intensa e recentemente orvalhada.

Do seu esconderijo, a parteira, verdadeira peça da cena montada no largo, esfregava o ventre com as mãos espalmadas e tensas, em jeito que de longe parecia profunda carícia, olhando, narinas frementes e boca molhada, a jovem que, segundos ou horas depois, não se chegou a saber, cambaleando, se ergueu do chão para ir atrás do vestido de algodão depositado no ramo mais alto de um arbusto, qual bandeira que assinalava vitórias, conquistas e intrigas. (p.9).

Combinam-se desta forma o real e o onírico, numa ficção de carácter poliédrico que oscila consecutivamente entre o trágico e o cómico, o fantástico e o real. Mas, Dina Salústio, ao contrário, optou exactamente por realçar estes aspectos.

A Louca de Serrano é, um romance cujo conteúdo é sentencioso. É moralista. Às vezes explosivo, às vezes cândidos. Isto nota-se por exemplo nas passagens de humor e ironia que são frequentes nesta narrativa. Vejamos aqui apenas um exemplo, que se prende com o sermão do padre, que promete castigo aos ricos e bem-aventuranças aos pobres. No fundo, sente-se revoltado contra tudo isso, “porque ser pobre é muito duro e estraga qualquer coração — perdão, meu Pai. - Com respeito, eu digo-te que não ficava mal que, uma vez por outra, algumas delas ganhassem qualquer coisa, como daquela vez – lembraste, Pai? [...]. Tão fáceis de contentar bem que podias ajudá-las a ganhar umas coisas, mas diacho, perdão, Pai!, até nas rifas e lotarias de pequena monta são sempre os ricos a ganhar? [...]. Bem que podias fazer um jeito porque eu aqui já não consigo repetir: ‘Bem-aventurados os pobres porque deles é o reino dos céus’. Nos últimos tempos, meu Pai, tenho recorrido ao latim para variar, e também um pouco por medo, pois os olhares que os fiéis me lançam quando começo a falar fazem-me desconfiar que um dia, se me pegam distraído, ainda obrigam-me a engolir a frase que há séculos venho dizendo e,

convenhamos, cheios de razão, porque não há meio de verem nenhum rico, nem um só a ser minimamente ameaçado”. (p.43).

Concluindo o capítulo III, nota-se que o distanciamento entre a loucura e a realidade é quase que indecifrável, pelo menos no que concerne ao escritor Lima Barreto. Já em Dina Salústio, o mesmo não se observa, pois a autora faz uso de artimanhas para tentar aliciar o leitor que essa aproximação a obra e a realidade não existe. Por isso, convém esclarecer o tipo de relacionamento existente entre esses autores e a loucura, no capítulo seguinte.

CAPÍTULO IV
RELACIONAMENTO DOS ESCRITORES COM A
LOUCURA

4. 1. O COMPORTAMENTO DOS ESCRITORES EM RELAÇÃO À LOUCURA

4.1.1. LIMA BARRETO

Apesar do embaralhamento de sentidos que costuma imperar nele, digno de observação é o seu distanciamento crítico, mantido a duras penas. Lima Barreto coloca-se à margem de tudo isto, como um jornalista-escritor de grande consciência e nenhuma alienação, apesar dos parcos delírios. A sua obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma* nada traz da linguagem do inconsciente, do estado primitivo, da estratificação e da fragmentação tão alardeadas em pacientes psiquiátricos. Aqui vale citar a revolucionária psiquiatra Nise da Silveira, mestra de inúmeros artistas do Hospital Pedro II, no Engenho de Dentro, que deu cor à rotina em preto e branco do manicômio, ao estimular internos a pintarem, liberando, pois, esta recôndita “linguagem do inconsciente”. A sua avaliação dos efeitos pictóricos de obras de Fernando Diniz, Emydio, Raphael e Adelina, entre outros, é elucidativa:

Pinturas de um mesmo autor, tal como os sonhos, se examinadas em séries, revelam a repetição de motivos e a existência de uma continuidade no fluxo de imagens do inconsciente. Não raro verifica-se que essas séries contêm significações paralelas a temas míticos. Isso porque a peculiaridade da esquizofrenia reside na emergência de conteúdos arcaicos que configuram fragmentos de narrações mitológicas (...) A tarefa do terapeuta será estabelecer conexões entre as imagens que emergem do inconsciente e a situação emocional vivida pelo indivíduo.

Esta analogia entre a escrita e a imagem serve aqui apenas como base de comparação, no mínimo como curiosidade, para se estabelecerem conexões entre as diversas expressões do inconsciente revelado por Freud. Freud inicia seu pensamento teórico assumindo que não há nenhuma descontinuidade na vida mental. Ele afirmou que nada ocorre ao acaso e muito menos os processos mentais. Há uma causa para cada pensamento, para cada memória revivida, sentimento ou acção.

Cada evento mental é causado pela intenção consciente ou inconsciente e é determinado pelos fatos que o precederam. Uma vez que alguns eventos mentais “parecem” ocorrer espontaneamente, Freud começou a procurar e descrever os elos ocultos que ligavam um evento consciente a outro. O ponto de partida dessa investigação é o fato da consciência.

Segundo Freud, o consciente é somente uma pequena parte da mente, incluindo tudo do que estamos cientes num dado momento. O interesse de Freud era muito maior com relação às áreas da consciência menos expostas e exploradas, que ele denominava Pré-Consciente e Inconsciente.

A premissa inicial de Freud acerca do inconsciente era de que há conexões entre todos os eventos mentais e quando um pensamento ou sentimento parece não estar relacionado aos pensamentos e sentimentos que o precedem, as conexões estariam no inconsciente. Uma vez que estes elos inconscientes são descobertos, a aparente descontinuidade está resolvida.

Denominamos um processo psíquico inconsciente, cuja existência somos obrigados a supor – devido a um motivo tal que inferimos a partir de seus efeitos – mas do qual nada sabemos (1933, livro 28, p. 90 na ed. bras.)

No inconsciente estão elementos instintivos não acessíveis à consciência. Além disso, há também material que foi excluído da consciência, censurado e reprimido. Este material não é esquecido nem perdido mas não é permitido ser lembrado. O pensamento ou a memória ainda afectam a consciência, mas apenas indirectamente.

O inconsciente, por sua vez, não é apático e inerte, havendo uma vivacidade e imediatismo em seu material. Memórias muito antigas quando liberadas à consciência, podem mostrar que não perderam nada de sua força emocional. “Aprendemos pela experiência que os processos mentais inconscientes são em si mesmos intemporais. Isto significa em primeiro lugar que não são ordenados temporalmente, que o tempo de modo algum os altera, e que a ideia de tempo não lhes pode ser aplicada” (1920, livro 13, pp. 41-2 na ed. bras.).

Assim sendo, para Freud a maior parte da consciência é inconsciente. Ali estão os principais determinantes da personalidade, as fontes da energia psíquica, as pulsões e os instintos.

Já em relação ao Pré-Consciente constata-se ser esse uma parte do Inconsciente, que pode tornar-se consciente com facilidade. As porções da memória que nos são facilmente acessíveis fazem parte do Pré-Consciente. Estas podem incluir lembranças de ontem, o segundo nome, as ruas onde moramos, certas datas comemorativas, nossos alimentos predilectos, o cheiro de certos perfumes e uma grande quantidade de outras experiências passadas. O Pré-Consciente é como uma vasta área de posse das lembranças de que a consciência precisa para desempenhar suas funções.

O que aqui vale sublinhar é que *Triste Fim de Policarpo Quaresma* nada contém da inconsciência, da linguagem fragmentada, da narrativa estratificada. Apresenta-se em forma de observações e reflexões, mas o discurso é lúcido e constante, nada delirante. Mesmo porque, apesar de internado, Lima Barreto nunca teve o diagnóstico de esquizofrênico, a doença mais típica dos manicômios, cujo maior sintoma é a cisão do pensamento. Os psiquiatras analisaram-no, levando em conta a sua erudição intelectual, subtraída de seu alcoolismo. Os seguintes trechos, extraídos de suas fichas médicas, traçam um fino retrato do paciente Lima:

Um indivíduo de boa estatura, de complexão forte, apresentando estigmas de degeneração física. Dentes maus; língua com acentuados tremores fibrilares, assim como nas extremidades digitais. (...) Cita seus autores predilectos que são: Bossuet, Chateaubriand 'católico elegante' [sic], Balzac, Taine, Daudet; diz que conhece um pouco de francês e inglês. Com relação a esses escritores faz comentários mais ou menos acertados; em suma, é um indivíduo que tem algum conhecimento e que é inteligente para o meio em que vive. (...) É um indivíduo precocemente envelhecido, de olhar amortecido, face [sic] de bebedor, regularmente nutrido. Perfeitamente orientado no tempo, lugar e meio, confessa desde logo fazer uso, em larga escala, de parati. (...) São notáveis os tremores fibrilares da língua e das extremidades digitais dos músculos da face, mormente quando fala. Palavra algo arrastada e meio enrolada, certas vezes. Teve blenorragia e cancro mole, icterícia e febres palustres.
(p.132)

Estes extractos do prontuário médico do Hospício Pedro II são aqui incluídos para que se tenha noção mais exacta do seu diagnóstico. Até mesmo sob o olhar psiquiátrico, Lima Barreto nada trazia da linguagem alucinatória ostentada pela maioria de seus colegas de hospício, pelo contrário, era tido como “inteligente”, “perfeitamente orientado no tempo, lugar e meio”, ou seja, era reconhecido como literato, embora isto não o ajudasse muito na hierarquia da instituição. No diário, por exemplo, fica claro que o seu talento para as letras, a compulsão de leitura e toda a distinção literária não foram suficientes para elevar o seu nível de vida no hospício. Há, por exemplo, uma passagem em que Lima frustra-se muito ante um médico, por não convencê-lo de seus méritos literários, e, cada vez mais, perceberá que também ali, naquela sociedade forjada em torno da loucura, o pistolão tudo resolve. No seu caso muito particular, não é um livro publicado ou algum reconhecimento de homem letrado que o retira da indigência no hospital. É um

funcionário amigo de seu pai, dos tempos em que trabalhavam juntos na colônia de alienados da Ilha do Governador, quem lhe arranja um quarto especial, para ser partilhado com um estudante de Medicina. Se não fosse este “conhecimento”, teria permanecido eternamente no limbo do sistema de “castas”, poderes e vícios estabelecido no asilo.

Esta questão do poder institucional é fundamental para se contrapor à sua obra. No asilo, Lima Barreto é, acima de tudo, um céptico. Não chega a ser um rebelde, do tipo que, nos hospitais psiquiátricos da época, exaltava-se e tornava-se violento, tampouco era do tipo catatônico. Simplesmente levava uma vida paralela, num tempo suspenso, aproveitando a biblioteca local como ponto de fuga. Eis as suas armas de combate, a leitura compulsiva e a escrita da indignação, que todos recrimina, desautorizando o poder dos médicos, vendo todo o círculo do poder de forma lúcida e coerente, embora por vezes se exceda na crítica, beirando o despeito. Sobre um alienista da secção Pinel, por exemplo, chega a vaticinar:

Não lhe tenho nenhuma antipatia, mas julgo-o mais nevrosado e avoado que eu. É capaz de ler qualquer novidade de cirurgia aplicada à psiquiatria em uma revista norueguesa e aplicar, sem nenhuma reflexão preliminar, num doente qualquer.

É na solidão de um intelectual excomungado do seu ofício, da sua religião (a literatura), do seu sonho, que Lima Barreto escreve, redige suas escrituras. Nota-se, pelo seu tom, que sente-se, muitas vezes, acima do bem e do mal psiquiátrico, como se vivesse uma realidade paralela.

Triste Fim de Policarpo Quaresma está pontuado, de divagações sobre a sua vida, frustrações financeiras e literárias. Reconhece e envergonha-se do comportamento dos homens, em tom de autocrítica, elaborando uma espécie de *mea culpa* por não ter alcançado a glória equivalente, a seu ver, à sua formação intelectual.

Segundo o próprio, Lima Barreto não pertencia àquele lugar (o hospício), assim como não pertencera à escola, à repartição pública, à academia de letras. Aqui nos cabe fazer a seguinte reflexão que a loucura de Lima Barreto pode ser associada as inúmeras tentativas de ser, de estar, que ao longo de toda a sua vida lhe foi negado. Sentindo-se vítima de exclusão social e não podendo ter aquilo que sempre sonhou, Lima Barreto apoia-se naquilo perante o qual se sentiu impugnado para recusar o que nunca lhe foi oferecido, ou seja, ele serve-se da loucura real ou arranjada para se mostrar indiferente.

4.1.2. DINA SALÚSTIO

Se é verdade que a obra de Dina Salústio é atravessada por um pensamento diferenciado, impregnado, não raro, de elementos de uma filosofia moral, social e cultural clara, que, por vezes, deixa transparecer uma rousseauniana crença na funda bondade do humano, mesmo quando se mostra brutal na sua condição diária de sobrevivente na miséria material e espiritual, ela acaba por ter como divisa fundamental a liberdade do ser individual. Liberdade cujo “lugar”, afinal, e cito aqui – é sempre o “vício” das coisas do crime – F.Dias, “vem a cobrir-se com a mais radical e originária das realidades: o existir humano...”. Liberdade essencial que não reside em algo que seja previamente assinalado ao homem mas que só se realiza no seu concreto agir e existir. Liberdade concreta ou existencial como lhe chamou Max Müller. Enfim, um romance que, no meio de sinuosidades, equívocos, paradoxos, ainda se situa num antropologismo humanista e optimista.

Falamos de uma história narrativamente programada que se vai decompondo em muitas outras histórias, todas suportadas ideologicamente numa espécie de elogio da loucura e da solidão, organizada com processos narrativos e utensílios expressivos relativamente inabituais na prosa de ficção cabo-verdiana, mas de forma diferente e ao serviço de outra divisa, ou, se quisermos, outra filosofia narrativa.

Segundo o apresentador da obra, José Carlos Fonseca, *A Louca de Serrano* alimenta-se e, sobretudo, legitima-se e funda-se, não através de processos mas sim, materialmente, no caso, uma história (ou muitas histórias), bem que programada, estruturada e recheada de uma forma diferente ou inovadora. Dando, assim, razão a Barthes, ao dizer: “O Romance é uma morte; faz da vida um destino, da recordação um acto útil, e da duração um tempo dirigido e significativo. Mas esta transformação só se pode realizar aos olhos da sociedade. É a sociedade que impõe o Romance, isto é, um complexo de signos, como transcendência e como história de uma duração...”.

Da análise feita, pode-se dizer que Dina Salústio manifesta uma posição diferente em relação a loucura, ela, partindo da protagonista da história, chama a nossa atenção para o benefício da solidão e da loucura. Pois, apesar da jovem ser solitária e louca, o que por conseguinte a faz ser excluída, é a dona da verdade e nunca mente. Algo que não se pode dizer dos restantes habitantes do vale, especialmente para os considerados normais, saudáveis, na

medida em que, em vários momentos, eles escondem ou até mesmo desconhecem a verdade. Portanto, a autora faz da loucura, da insanidade, a fonte da verdade, não permitido, deste modo que a falsidade caiba na loucura. Fazendo isso, a autora tenta realçar a loucura, no intuito de minimizar o sofrimento daqueles que sofrem desta doença e enaltecer algo de bom que dali se pode tirar.

4.2. RELAÇÃO ENTRE A BIOGRAFIA DO AUTOR E A SUA OBRA

4.2.1. LIMA BARRETO

O filósofo francês Michel Foucault, estudioso da história da loucura e da genealogia do poder em instituições como hospitais, hospícios e prisões, dissecou o histórico das perversidades realizadas nestes locais em nome da ciência, revelando que a função do asilo psiquiátrico do século XIX, além do isolamento social, consistia na configuração de um “espaço fechado para um confronto, lugar de uma disputa, campo institucional onde se trata de vitória e de submissão⁷”. Eis uma das mais completas descrições do tratamento da loucura neste tempo, uma época em que se tratou de refugiar os loucos, tirando-os do convívio da dita sociedade normal: todas as técnicas ou procedimentos efectuados no asilo do século XIX – isolamento, interrogatório particular ou público, tratamentos-punições como a ducha, pregações morais, encorajamentos ou repreensões, disciplina rigorosa, trabalho obrigatório, recompensa, relações preferenciais entre o médico e alguns de seus doentes, relações de vassalagem, de posse, de domesticidade e às vezes de servidão entre doente e médico – tudo isto tinha por função fazer do personagem do médico o “mestre da loucura”; aquele que a faz se manifestar em sua verdade quando ela se esconde, quando permanece soterrada e silenciosa, e aquele que a domina, a acalma e a absorve depois de a ter sabiamente desencadeado.

Esta actuação ambígua do médico e do “monstro” estendeu-se ao longo do século XIX e atravessou o século XX com graves dissonâncias. Analisar *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, exige, pois, a compreensão do panorama psiquiátrico de sua época e a investigação de como este olhar da medicina da loucura percebeu-o, tentando, inutilmente, enquadrá-lo na população de alienados. Lima foi internado duas vezes neste que foi o primeiro hospício oficial do Brasil, criado por decreto do Imperador Pedro II em 1841 e inaugurado em

1852 com o seu nome. Foi na sua segunda temporada no Hospício Pedro II, na Praia Vermelha, no período de 25 de Dezembro de 1919 a 2 de Fevereiro de 1920, que o autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma* escreveu o maior dos seus livros, em termos de loucura, *O Diário do Hospício*. O asilo, como era de se esperar, herdaria toda a história de barbáries e castigos executados em nome da lei nos hospitais europeus do século anterior, “abrasileirando-os” com o atraso devido. Lima Barreto escaparia ao eletrochoque, inventado em 1938, e à lobotomia, descoberta em 1936 e logo transformada em tratamento da moda nos hospícios pelo mundo, rendendo ao seu inventor, o neurologista português Egas Moniz, o prémio Nobel de Medicina (1949). O escritor não estaria a salvo, no entanto, dos excessos punitivos dos funcionários e guardas, da truculência dos pacientes rendidos a alucinações numa época em que ainda não existiam os neurolépticos (os primeiros remédios para acalmar os ânimos, no mercado a partir de 1952), tampouco escaparia da autoridade da polícia, capaz de prendê-lo e decidir sua sentença ao mandá-lo para o hospício – um veredicto posteriormente confirmado pelos psiquiatras de plantão.

Tudo parece integrar a sua escritura, sendo o *Triste Fim de Policarpo Quaresma* o lugar da crónica e da reflexão, da crítica e da autobiografia, da urgência, propriamente, em registrar o terror que o cerca. Nota-se, pois, a preocupação constante com a linguagem do asilo, dos delírios e das alucinações alheias.

Aqui, no intuito de entender parte da sua inadaptação social até então, vale lembrar alguns de seus dados biográficos: Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) nasceu mulato, carioca, filho de um mestre de oficinas de composição (que mais tarde trabalhou como funcionário de uma colónia de alienados e enlouqueceu), e tentou tomar diversos caminhos institucionais, acabando, invariavelmente, à margem. Embora tenha recebido instrução acima das expectativas para um mulato à sua época (Lima nascera, afinal, sete anos antes da Abolição da Escravatura), ele apresentava uma incapacidade de se “institucionalizar”. Frequentou a Escola Politécnica, mas não obteve o diploma; passou no concurso para amanuense na Directoria do Expediente da Secretaria de Guerra, trabalhando como tal, sendo, porém, precocemente aposentado; concorreu à vaga de académico na Academia Brasileira de Letras sem nunca consegui-la; foi avesso ao casamento, terminando seus dias na solidão, em meio à família original que tanto desprezava.

⁷ Foucault, Michel. *Microfísica do poder*. 1988. p.122

Nota-se pela sua biografia que Lima Barreto foi ou melhor sentiu-se, por várias vezes excluído da sociedade em que o rodeava, facto esse que acabou também por contribuir para a sua loucura. No seu mundo não cabia a forma de viver daquela sociedade. Daí a razão pelo qual ele se sentia deslocado, frustrado e decepcionado, acabando mesmo por enlouquecer.

Lima Barreto entrou e saiu de instituições, ou mesmo evitou-as, mantendo uma independência e um inconformismo que lhe valeram uma vida de percalços, chegando a um clímax marcado pela armadilha: apesar de certa autonomia adquirida, ele acabou sob a amarra de uma das piores instituições de seu tempo, o hospício, e pior, numa época em que a psiquiatria ainda engatinhava no tratamento da loucura (no Brasil, a psicanálise só foi efectivamente introduzida em manicómios com a Colónia Juliano Moreira, em Jacarepaguá, nos anos 1980). Ironicamente, foi também outra instituição, a polícia, que prendeu Lima Barreto e, de certa forma, determinou a sua internação. O quinto capítulo da primeira parte do *Triste Fim de Policarpo Quaresma* descreve a homogeneização de sentidos por que passou (delirava a ponto de os amigos lhe parecerem inimigos) e a sua afilhada Olga que presenciava tal facto, reproduz um retrato em tom de reflexão: “Quem uma vez esteve diante deste enigma indecifrável da nossa própria natureza fica amedrontado, sentindo que o germe daquilo está depositado em nós e que por qualquer coisa ele nos invade, nos toma, nos esmaga e nos sepulta numa desesperadora compreensão inversa e absurda de nós mesmos, dos outros e do mundo. Cada louco traz em si o seu mundo e para ele não há mais semelhantes: o que foi antes da loucura é outro muito outro do que ele vem a ser após”.

Triste Fim de Policarpo Quaresma é, antes de tudo, uma literatura que denuncia, nada mascara, tampouco dissimula. É o relato da vida de um homem cuja profissão era burocrata, tendo chegado a subsecretário do Arsenal de guerra, não tendo podido ser militar evoluiu-se sobre só dourados do exército escolheu o ramo militar da administração. Era onde estava bem. É por essas e por outras razões que reafirmamos que existe de facto uma significativa ligação entre a biografia do autor e a sua obra, fazendo com que esta seja, automaticamente de caris autobiográfica. Pela sua biografia, constata-se que Lima Barreto não copiou nem imitou, as suas personagens são arrancados de sua própria vida.

No que se refere à autora equiparada, o mesmo não poderá ser dito, visto que de autobiográfico *A Louca de Serrano* não tem nada. No entanto existem traços bastantes polémicos

que suscitam algumas reflexões. Ora vejamos:

4.2.2. DINA SALÚSTIO

A obscuridade enigmática com que toda a intriga é architectada, logo pela flexuosidade e estuporação do sistema de atribuir o nome ao povoado, é identicamente manifesto na frequente e adoptada indeterminação do espaço físico e social em que decorre a acção, valendo comparativamente o que disse Manuel Veiga a propósito de *O eleito do Sol*, de Arménio Vieira: “...se excluirmos os topónimos e os antropónimos, toda a diegética da obra pode dizer respeito a qualquer país ou a qualquer povo do mundo”. No caso desta ficção de Dina Salústio, segundo Jorge Carlos Fonseca aquando da apresentação da obra, essa, pelo menos não clara, caboverdianização das categorias narrativas que, também recentemente, Arnaldo França encontra na prosa claridosa (e que considera o seu grande triunfo), é feita de forma femininamente equivocada, insinuada de maneira enleada, num jogo permanente de levar e trazer, de sim e de não, a que nem escapam os topónimos e antropónimos. As personagens têm nomes que, talvez com a excepção de Maninha ou Bia, poderiam dizer respeito a um qualquer espaço físico e humano; nunca há referência explícita a Cabo Verde ou a qualquer localidade reconhecidamente destas ilhas. Muitas vezes, a narradora faz-nos sentir ou pressentir, através da descrição de ambientes físico, social ou humano, ou da referência a hábitos, costumes e coisas, a presença de Cabo Verde. A ruralidade dos lugares e a rusticidade das gentes, acompanhadas dos condimentos de mistérios, medos, sombras, devaneios e pecados, atravessam todo o espaço narrativo; a resignação da maioria das gentes e a vida que a narradora caracteriza como tendo um ritmo de “estúpida inocência” (pag.192); o drama do camponês Jerónimo, preso à terra mas sonhando partir para a grande cidade, e, sobremaneira, a confissão feita pela narradora, já à beira do fim da obra, de que “o maior sonho dos serranesees era atravessar o mar, emigrar, fugir. Pelo ar, se fosse preciso. Para onde, foi coisa que nunca se soube”; as referências à bruma seca, ao batuque improvisado pelas crianças em latas velhas no ritual do baptismo de Gregória como nova parteira de Serrano, ao grogue, aos botequins, ao vale, aos grilos, à ribeira e à montanha e à obsessão da chuva que, nem por milagre, há-de cair, chuva que também surge como entidade mítica, capaz, por exemplo, de trazer Fernanda, aliás, Genoveva, ao encontro de Jerónimo; a linguagem e a simbologia utilizadas para caracterizar certas situações, como a de Jerónimo ter feito Maninha

mulher na oficina do quintalão (haverá cena mais pressentidamente cabo-verdiana?!) ou a descrição do tempo da gente de Serrano: “era o sol, a chuva, as sementeiras e as colheitas ou qualquer outro que não viesse envolto em promessas que não decifravam...”; sobretudo, o retrato psicológico e cultural das personagens – estas não raras vezes prolongando-se no corpo da narradora – feito e pincelado da mesma forma enrolada e lúdica como é construída a narrativa, numa capacidade criadora que transforma cada ser humano no que Octávio Paz chamava de “árbo de imágenes”, dá-nos conta de um território que, não deixando de ser movediço, faz exalar um cheiro cabo-verdiano das pessoas e das coisas. Vejam, melhor, sintam este excerto que relata, num discurso simples, quase coloquial, marcado por algum crioullismo na construção frásica, a descarada basofaria de Valentim, homem de Gremiana, a única serrana que se rebelou contra a prática usada na aldeia para diminuir o sofrimento das mulheres (na apreciação da narradora) – a procura de um “farmacêutico na cidade vizinha para solucionar o problema da esterilidade generalizada dos homens”.

Mas, ao mesmo tempo, num jogo assumido pela autora – o “programa” da narração já no-lo anunciara – a volatilização da simulação organizada dos espaços aparece com referências físicas, sociais, culturais e ambientais que nos fazem sentir-nos em territórios não localizados. Para além do que já deixámos recortado, bastaria ressaltar a insinuação, feita duas ou três vezes, na enovelada mas gostosa descrição do processo de formação de Serrano, da presença de autóctones antes da chegada, em data nunca estabelecida, de “funcionários da cidade”, os estrangeiros que obrigaram os camponeses a dar um nome ao povoado para onde tinham sido expulsos, afinal, como castigo por crimes cometidos e desafios aos deuses de uma primeira pátria (ou será uma mera fabulação do descobrimento das ilhas?). Ou referir o “prazo de honra”, como era conhecido no local, o período de três anos de espera concedido a qualquer mulher casada, antes de tentar “reforços longe de casa para engravidar”, a esterilidade dos homens ou “as mulheres de águas preguiçosas”, para, decididamente, nos situarmos num espaço e num tempo imaginários, abertos à construção ou reconstrução do leitor que se deixar levar no prazer demorado mas prolongado de um paciente orgasmo (falamos, naturalmente, do prazer e da emoção estéticos).

Ao fim e ao cabo, com esse jogo de simulações e enigmas pretende situar-se a autora numa postura em que é praticamente indiferente a definição daquele espaço físico, social e histórico. Mesmo quando a autora utiliza ingredientes narrativos como a seca, a terra ingrata, a

lua nova, a ribeira, a montanha, a emigração – temas recorrentes na prosa ficcionista cabo-verdiana, com muito poucas excepções – dá-lhes um tratamento diferente daquele a que nos vamos habituando, fazendo deles um expediente de ritualização, ora fantástica, ora mística, negra ou erotizada, em situações onde o fascínio, o encantamento e o prazer lúdico se revelam ao leitor. Vejamos alguns momentos significativos:

- Ao caracterizar Jerónimo e o seu conformismo, a narradora, a dado momento, refere o apego do camponês à terra:

"...as águas da ribeira...a fonte, o céu, inclusive o vento e o tempo nunca tinham conseguido prendê-lo, mas aquele pedaço de chão que não se mexia, não gorgolejava, não ameaçava...acorrentava-o e escravizava-o, como ninguém..." (p.66).

- Os camponeses também iam à pesca em certas noites de Lua Nova, para cumprir um ritual sagrado, no qual as mulheres não participavam, ocupando-se com afazeres estranhos. Os homens deitavam-se no chão, ao lado das camas onde dormiam as mulheres e não trocavam uma única palavra com elas, até que o sol se levantava e já ninguém mostrava lembrança ou interesse pela noite anterior (p.58).

A história e as histórias de que ela se vai fazendo poderão sempre estar ancoradas numa região montanhosa de S. Antão ou de outra ilha ou de outro país.

Autora de uma linguagem simples e directa, ela acaba por imprimir um certo suspense às suas histórias prenunciando as coisas, muitas vezes, sem as anunciar propriamente, prendendo o leitor até o final, à espera, de uma deixa para conclusão final.

A personagem feminina é uma das suas eleitas, desde a prostituta anónima, passando pelas ninfas, pela indigente, pela grafina até à lésbica.

O tema, a estrutura e o enredo das histórias muitas vezes são trespassados pelas palavras que se materializam em frases curtas, mas plenas, que tornam a sua escrita num fluir e discorrer grácil quase inconsciente, galopando como um cavalo pelo infinito.

Parece-nos que a escrita para ela é uma necessidade premente de estabelecer uma ponte entre o interior das personagens que cria a realidade do leitor, muitas vezes ultrapassado pelos pormenores aparentemente insignificantes e desconexos que o rodeia. É uma necessidade humana, de utilizar a linguagem como veículo de comunicação e de revelar a energia da

actividade, da existência, e também como uma forma de preencher o vazio, ou um meio de compensação. Ela é, pois, participante, cúmplice e denunciadora da sociedade em que vive, dos seus agravos e realidade, na medida em que nunca se aliena do real gritante, malgrado as transfigurações que às vezes experimenta.

E o valor da criação se desponha como algo delicado, de pinceladas fortes e coerentes que tornam nítidas, veementes e verosímeis o que está quase apagado em nós. Tudo isto faz-nos crer que sendo Dina Salústio uma mulher e sabendo à priori tudo o que advém da alma feminina, as histórias e personagens que compõem, e que passarão à vida por inteiro, com as suas contradições, tragédias, patetismos, o intimismo, a reflexão e a confissão são os meios pelos quais tece as suas tramas, fazendo com que haja, deste modo, uma espécie de elogio da mulher e da própria loucura, como se verifica por exemplo na obra em análise em que o baptismo de Serrano e a própria voz do baptismo são obra feminina. São frequentes as referências aos mistérios da mulher, às suas coisas íntimas, e a natural incompreensão dos machos por questões tão sofisticadas, havendo em Serrano – imagine-se! – “Velhas especialistas nos assuntos femininos” (p.102). Enfim, a voz, a consciência moral e o destino de Serrano estão com a mulher-Louca; a rebeldia, em Serrano, está sempre com seres do sexo feminino; a humanidade que assoma do clima geral de crueldade e indiferença que se vive em Serrano, excepto o caso de Jerónimo está na mulher serranesa; a sabedoria invariavelmente é pertença das fêmeas do vale. E a Liberdade, a final, surge com o cumprimento do destino de uma mulher, a Louca de Serrano.

Nota-se aqui que a autora implementa na loucura a própria realidade. Ela, ao contrário de Lima Barreto, aponta na loucura o único momento de lucidez. Isto porque, segundo a mesma a louca era a única que trazia para o Serrano a verdade nua e crua e, não nos esqueçamos que as verdades mais escabrosas são evidenciadas pela louca nos seus piores momentos de loucura. Conclui-se, portanto, que a falsidade não cabe na loucura a autora dá-nos conta dessa perspectiva através da sua forma de escrever: é uma escrita que nos toca profundamente pela sensibilidade que destila, pela metafísica que comporta e que insinua em nós, incisivamente; pelo fogo que reverbera em toda a sua extensão a forma de dizer, tão elegante, tão fina, tão empaticamente cativante até a medula do nosso ser.

4.3. A PSICANÁLISE E OS AUTORES

4.3.1. LIMA BARRETO

Lima Barreto na prosa de uma forma geral posiciona-se diante dos problemas sociais e culturais criticando o Brasil arcaico e negando o academicismo dominante. De uma forma específica, constata-se em destaque na obra *Triste Fim de Policarpo* uma narração de forma irónica a vida de um homem que se torna motivo de chacota por causa do seu patriotismo ingénuo. Certamente temos aí um dos aspectos do homem deslocado e revoltado que foi Lima Barreto. Nos tipos caricaturais, sobretudo, ele dá vazão aos seus ressentimentos. Escrevia por necessidade, era uma forma de libertar-se a si próprio. Os escritos, são em grande parte, autobiográficos: encerram muitos factos verdadeiros, com a interpretação de Lima Barreto. A espontaneidade e a marca do seu estilo: fazia da pena o instrumento do coração. Lançou mão da sátira, da ironia e do humor. Certo que, tudo isso é um meio de defesa, ou, segundo Freud, é mesmo o principal meio de defesa. De qualquer forma, a caricatura e a mordacidade faziam ressaltar a brutalidade e o ridículo de certas situações e, na medida em que se fundamentavam na realidade, eram objectivamente válidas.

Lima Barreto precisou de instintos, das palavras, da escrita, e mais, da literatura. Nos ritos mais medíocres e embaraçosos do dia-a-dia do hospício, era à memória literária que acorria. Instintos são pressões que dirigem um organismo para determinados fins particulares. Quando Freud usa o termo, ele não se refere aos complexos padrões de comportamento herdados dos animais inferiores, mas aos seus equivalentes humanos. Tais instintos são “a suprema causa de toda actividade” (1940, livro 7, p.21 na ed. bras.). Freud reconhecia os aspectos físicos dos instintos como necessidades, enquanto denominava seus aspectos mentais de desejos. Os instintos são as forças propulsoras que incitam as pessoas à acção.

Segundo Freud, o número de soluções possíveis para um ser humano satisfazer uma finalidade instintiva é uma soma de sua necessidade biológica inicial, mais seu desejo mental (que pode ou não ser consciente) e mais uma grande quantidade de ideias anteriores, hábitos e opções disponíveis. Este teórico assume que o modelo mental e comportamental normal e saudável tem a finalidade de reduzir a tensão a níveis previamente aceitáveis. Uma pessoa com certa necessidade continuará buscando actividades que possam reduzir esta tensão original. O ciclo completo de comportamento que parte do repouso para a tensão e a actividade, e volta para

o repouso, é denominado modelo de tensão-redução. As tensões são resolvidas pela volta do corpo ao nível de equilíbrio que existia antes da necessidade emergir. É nesta óptica que Lima Barreto escreve uma de suas sentenças-chave:

“Ah! A Literatura, ou me mata ou me dá o que peço dela⁸.”

Eis a literatura como salvação, como necessidade. Escrever para não enlouquecer, escrever para sobreviver, “escrever para não morrer”, como afirmou o escritor e crítico literário francês Maurice Blanchot. No caso de Lima Barreto, seu cepticismo muitas vezes beirou o niilismo, flertou com a morte.

A experiência no hospício levou Lima Barreto à sua fronteira. E ele a aprofundou numa das suas obras, a mais autobiográfica por sinal – *O Diário do Hospício*, como uma confissão, como a explanação da defesa de um réu isolado, diante do tribunal social.

É pela leitura e pela escritura que Lima Barreto parece achar o seu caminho da liberdade, a fuga existencial, a sua forma muito particular, literária, de subverter a violência ao redor. É a “incoerência verbal do manicômio⁹” que o aterroriza, tanto que, em suas anotações finais, chega a escrever para si mesmo: Observar as reacções da loucura sobre a articulação da palavra; alguns, trêpegos de língua, balbuciam, e outros, quase mudos.

Dentro da loucura, Lima Barreto revela algo de lúcido que é a sua vontade de escrever e faz dessa escritura um meio de denunciar a sociedade hipócrita que o envolve. Para ele escrever representava a liberdade, que no nosso entender funcionava como um mecanismo de defesa. Por isso, aproveitou-se dessa possibilidade de fuga para relatar as suas verdades e frustrações.

4.3.2. DINA SALÚSTIO

Na psicanálise clássica, para comunicar o material clínico, o paciente tenta, como forma predominante de comunicação, a associação livre. Geralmente, esse processo começa depois de concluídas as entrevistas preliminares. Nas entrevistas preliminares, o analista pôde chegar a uma avaliação da capacidade do paciente para trabalhar na situação analítica. Parte da avaliação consistiu em determinar se o paciente, em suas funções do ego, dispunha de elasticidade para

⁸ Barreto Lima. *Diário do Hospício/O cemitério dos vivos*. 1993. p.24

⁹ Idem, p.35

oscilar entre as funções do ego, dispunha de elasticidade para oscilar entre as funções mais regressivas do ego quando estas são necessárias na associação livre e entre as funções do ego mais maduras, funções estas necessárias à compreensão das intervenções analíticas, respondendo a perguntas directas e voltando à vida quotidiana no final da sessão. Geralmente, o paciente associa livremente durante quase toda a sessão mas ele pode também relatar sonhos e outros acontecimentos de sua vida quotidiana ou do seu passado. Uma das características da psicanálise é que se pede ao paciente que inclua suas associações quando narra seus sonhos ou outras experiências. A associação livre tem prioridade sobre todos os outros meios de produção de material na situação analítica. Contudo, a associação livre pode ser usada erradamente para ajudar a resistência. É tarefa, então, do analista, analisar tais resistências para restabelecer o uso adequado da associação livre. Pode acontecer, também, que um paciente não consiga interromper a associação livre devido a um colapso das funções do ego. Este é um exemplo de situação de emergência que surge no decorrer de uma análise. O trabalho do analista, então, deveria ser o de tentar restabelecer o raciocínio do processo secundário e lógico do ego. Fazendo uma análise comparativa de Dina Salústio com a psicanálise, ou equiparando a autora e a sua obra com uma sessão de terapia, como a que está em questão por exemplo, pode-se dizer que ela encaixa-se no papel de analisadora e as suas personagens são as suas pacientes uma vez que ela, na sua obra, faz com que as suas personagens relatem acontecimentos de sua vida quotidiana e do seu passado levando as mesmas à exposição de detalhes dolorosos e íntimos das suas vidas. Onde se conclui, portanto, que Dina Salústio faz com que as suas personagens possuam um grau elevado de honestidade e de integridade de carácter. Também exige a capacidade de comunicar inteligivelmente sobre combinações sutis de emoções. O que queremos com isto dizer é que Dina Salústio é uma escritora da psicanálise por excelência. Ela capta os pequenos nada's que se geram no íntimo das personagens, as grandes contradições a que diariamente são sujeitas e os fluidos pensamentos desconcertantes que as assaltam constantemente.

É de salientar que um sopro de existencialismo perpassa pelos seus contos indissociáveis de uma ponta de mística filosofia, prenhe das grandes contradições humanas e da questão essencial do existir, que se exsuda de todas as suas prosas. Ela foca as coisas pelo lado mais inesperado e, muitas vezes, do inconsciente humano, numa dimensão que com pertinência consegue desvendar. Possui uma certa tendência para pintar a tragédia, a desgraça, e a miséria humana. Sabe muito bem descrever o dilaceramento e o abismo que se formam no interior das

personagens. Percorre, um pouco, o trilha da escuridão, da agonia, da solidão e da morte inevitável o seu universo simbólico é bastante eloquente.

Por tudo que foi analisado, podemos inferir que a loucura abordada por Lima Barreto e Dina Salústio, apesar de ter objectos ou posições distintas, ambos chegam no mesmo lugar. Contudo, podemos construir em torno dos dois, os seguintes binómios:

Lima Barreto – Consciente

Dina Salústio – Inconsciente

Ora isto quer dizer que no que concerne ao primeiro binómio, estamos perante um autor que fala sobre a loucura mas com conhecimento de causa, ou seja, ele permanece consciente para falar daquilo que se passa na mente humana, ressaltando com ênfase aquilo que acontece no inconsciente.

Já Dina Salústio, pode-se dizer que é a autora do inconsciente na medida em que, por meio de suas histórias faz ressaltar a nossa vista aquilo que está oculto, algo do qual não temos conhecimento e que porém existe.

A título de conclusão, pode-se dizer que no que se refere a loucura, Lima Barreto trabalha com o concreto e Dina Salústio com o abstracto, na medida em que esta apenas apresenta a loucura sob a perspectiva da personagem principal, enquanto aquele vive a própria loucura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho que ora concluímos foi fruto de muito esforço e dedicação, isso tendo em conta todos os constrangimentos que tivemos nos momentos de pesquisa e de elaboração. No entanto, não estaria nesta fase, não fosse tamanha paixão com que o abracei desde o início.

O tema por nós escolhido é bastante interessante e por isso, facilitou-nos bastante na sua execução, permitindo deste modo a ampliação dos nossos conhecimentos no campo da loucura e do seu tratamento, e, ao mesmo tempo tirar daí algumas ilações, como sejam:

- As instituições como família, escola, fábrica, universidade, hospital, são instituições que, segundo Basaglia, repousam sobre uma nítida divisão de funções, através da divisão de trabalho (servo e senhor, professor e aluno, empregador e empregado, médico e doente, organizador e organizado). Porém, ao nosso ver, isto significa que o que caracteriza as instituições é a nítida divisão entre os que têm poder e os que não o têm, como é o que se verifica, por exemplo em Triste Fim de Policarpo Quaresma. A loucura de Quaresma, ela vem no sentido de preencher um desejo que nunca se concretizava. Essa não concretização não foi por sua vontade. Aqui é como se Quaresma fosse um servo que depende do seu senhor para que o seu desejo fosse realizado. E, não vendo realizado esse desejo, acabou por enlouquecer, vendo-se mais uma vez metido nessa divisão de funções – dos que detém o poder e dos que não o detém – estando ele na posição daquele que não tem poder.

- Pode deduzir-se ainda que a subdivisão das funções traduz uma relação de opressão e de violência entre poder e não-poder, que se transforma em exclusão do segundo pelo primeiro, convém lembrar aqui que a louca de serrano sentia-se da mesma forma, ou seja, o sentimento de exclusão por ser diferente, permanecia nela o que a fazia sentir na pele essa violência entre poder e não-poder, isto é, como os loucos não têm poder, ela acabou sendo excluída da sociedade dos poderosos (aqui os poderosos são os não-loucos, ou seja, os considerados “normais”).

- Tais instituições podem ser definidas como instituições da violência. Tal é a história recente de uma sociedade organizada a partir da divisão radical entre os que têm e os que

não têm; da qual resulta a subdivisão mistificadora entre o bom e o mau, o são e o doente, o respeitável e o não respeitável. Essa divisão de poder verifica-se tanto em Lima Barreto quanto em Dina Salústio. A loucura nesses dois autores é retratada de tal forma, embora diferentes, que acaba por evidenciar essa oposição de termos citados. No entanto, ambos os autores, por meio da palavra e da literatura que é um meio de denunciar, acabam se encontrando, uma vez que os dois se apoderam do papel nobre da literatura para trazer à tona todos os preconceitos existentes em torno da loucura.

Dentro das transformações paradigmáticas que regem o mundo contemporâneo, destacamos uma que acaba norteando uma série de conhecimentos e relações: *a maneira de perceber o indivíduo*. Existe um esforço de valorização do indivíduo, sua individualidade e subjectividade, suas necessidades, direitos, obrigações, etc. Seguindo essa lógica, dentro da política têm se buscado alternativas mais participativas e inclusivas que, por sua vez, os escritores em questão conseguem imprimir de forma muito evidente essa necessidade que o ser humano tem por liberdade, pela concretização dos seus desejos, pela sua inclusão na sociedade, enfim, a necessidade de sentir parte integrante de um todo significativo que é a humanidade, necessidade de sentir-se útil.

- Hoje temos condições de desenvolver novo paradigma sobre a maneira de perceber o indivíduo por causa dos conhecimentos historicamente acumulados, vivências positivas e negativas, experiências frustradas ou bem sucedidas. As mudanças buscam um novo equilíbrio social, motivado por dúvidas geradas pela reestruturação de valores. Pois a matriz paradigmática da mudança que hoje se coloca é o conviver com os não iguais. Em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* e *A Louca de Serrano*, os autores fazem como que um apelo no sentido de conhecermos o outro lado da questão para, deste modo, tentarmos dar o nosso contributo, demonstrando a nossa disponibilidade em conviver com os não iguais e não recriar, nem tão pouco excluí-los.

Em nenhum momento, a nossa intenção foi a de fazer deste trabalho um produto acabado, visto que os condicionalismos a que estávamos submetidos aquando da sua elaboração, não permitiam que assim fosse. No entanto, somos de opinião que aquilo que aqui se encontra é um valioso contributo para aqueles que decidirem aprofundar um pouco mais este tema.

Para nós, este trabalho foi um desafio imenso, uma vez que na altura da escolha do tema sabíamos da responsabilidade que isto imprimia, mas não tínhamos dado conta ainda da complexidade que nos aguardava. Isto devido as diferentes áreas que o tema exigia que conhecêssemos. Num primeiro momento, acha-se que o trabalho pertence única e exclusivamente a área da literatura. Todavia, após o início do mesmo, depara-se com questões como: o que é a loucura? Porquê se enlouquece? E a essas questões, quem responde não é a literatura, mas sim a psicanálise. Daí a necessidade de enveredarmos para um caminho completamente novo e que para nós funcionou como se fosse uma nova disciplina para o exame final. Deste modo, o estudo seria as pesquisas e as leituras feitas, e o exame seria a tentativa de aplicar essas leituras no trabalho, tendo em consideração o tema e o objectivo da pesquisa.

O gratificante para nós foi chegar no final com a sensação da missão cumprida, a ideia de ter vencido o desafio, apesar dos obstáculos e ver que de facto, como disse Fernando Pessoa, “tudo vale a pena se a alma não mesquinha e pequena.

BIBLIOGRAFIA

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução de J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. Livraria Apostolado da Imprensa, 5ª edição. Porto Portugal, 1955;
- AGUIAR e SILVA, V. M – *Teoria da Literatura*, 1982, Coimbra, Liv. Almedina;
- AGUIAR e SILVA, V. M – *Teoria da Literatura*, 1997, Coimbra, 8ª Edição;
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e Estética*. São Paulo: Ed. Unesp, 1993
- BARRETO, Lima – *Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro, 1948, Editora Ática, 13ª Edição;
- BARRETO, Lima – *Diário do Hospício / O Cemitério dos Vivos*, Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1993;
- BARRETO, Lima – *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995;
- BARRETO, Lima – *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1989;
- BARRETO, Lima – *Um Longo Sonho do Futuro*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1998;
- BARROS, Aidil de J. P. / LEHFELD, Neide A. De S. – *Projecto de Pesquisa: Propostas Metodológicas* – Petrópolis, RJ: Vozes 1990, 14ª Edição;
- BASAGLIA, Franco. *As instituições da violência*. In: BASAGLIA, Franco (Org.). *A instituição negada: relato de um hospital psiquiátrico*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985 (1968);
- COBRA, Rubem Q.-Cotard; Arnold; Perchape; Chondrochi; Cullen; Esquirol e Philipe Pinel, *Pioneiro da Psiquiatria*. COBRA PAGES: www.cobra.pages.nom.br, Internet, Brasília, 2003;
- COELHO, Eduardo P – *Os Universos da Crítica*, 1982, Lisboa, Ed 70;
- DIAS, Miriam. *Manicômios: sua crítica e possibilidade de superação*. In: PUEL, Elisia;

RAMINSON, Magda Denise; BRUM, Maria Cristina F. Moreira; MAY, Marta Philipp; DIAS, Miriam; SILVA, Thomas Josué. *Saúde mental: transpondo as fronteiras hospitalares*. Porto Alegre: Decasa Editora, 1997;

FOUCAULT, Michael. *História da Loucura*. São Paulo: Perspectiva, 2004;

FREUD, Sigmund. *A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose*. In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976 [1924]. Vol. XIX;

FREUD, Sigmund. *Neurose e Psicose*. In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976 [1924]. Vol. XIX;

FREUD, Sigmund. *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução*. In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976 [1914]. Vol. XIV;

KAYSER, Wolfgang - *Análise e Interpretação da Obra Literária*, Ed. Sucessor, Coimbra, 1976;

Luta Antimanicomial Alagoana. *Luta Antimanicomial*. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.movimentoantimanicomial.org.br/>. 14 de maio de 1999;

REIS, Carlos – *O Conhecimento da Literatura, Introdução aos Estudos Literários*, 1997, Coimbra, 2ª edição;

REIS, Carlos - *Técnicas de Análise Textual*, Almedina, Coimbra, 1992;

SALÚSTIO, Dina - *A Louca de Serrano*, Spleen-Edições, 2ª Edição, 2001;

SALÚSTIO, Dina - *Mornas Eram as Noites*, Instituto Camões, Coleção Lusófona, 1999;

SHAW, Harry - *Diccionario dos Termos Literários*, 2ª Edição. Lisboa. Edições D.Quixote. 1982;

VARGA, A. K., *Teoria da Literatura*, Editorial Presença, Rio de Janeiro, 1981;

VEIGA, Manuel. *Cabo Verde Insularidade e Literatura*. Éditions Karthala, 1998;

Web Gallery of Art. The Cure of Folly (Extraction of the Stone of Madness). [online] Disponível na Internet via WWW. URL:

